Livro segundo Livro

Calixto Comporte Amaral

Livro segundo

Livro segundo Livro

Calixto Comporte Amaral

Trabalho final de graduação

Orientação: Prof. Dr. Giorgio Giorgi Júnior

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

2020 | 02

Ficha catalográfica

Amaral, Calixto Comporte
Livro segundo Livro/Calixto Comporte Amaral – 2020
72p.

Trabalho final de graduação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, curso de arquitetura e urbanismo, São Paulo, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Giorgio Giorgi Júnior

1. Livro 2. Design gráfico 3. Comunicação

sumário

9 Agradecimentos
10 Apresentação

14 Livro segundo Livro
20 Processo
24 a escolha do texto
25 o projeto gráfico
25 ateliê em casa
28 Os livros

56 Apêndice
57 Livros inteligentes

61 Notas

65 Referências bibliográficas

73 Anexos
75 Do livro como normalmente se apresenta.
91 Do livro com hipermetropia.
107 Do livro cujas colunas de texto dobram sobre si mesmas.
123 Do livro para ser lido no espelho.
139 Do livro que omite suas vogais.

155 Do livro quando torcido.
171 Do livro cuja frente espia o verso.
187 Do livro quando lido por um caleidoscópio.
203 Do livro contínuo.
219 Do livro cujas colunas de texto transcendem suas páginas.
235 Do livro em baixa resolução.
251 Do livro em zigue-zague.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Giorgio que me acompanhou nesta mirabolante jornada pelos livros.
Flavia que sempre esteve ao meu lado.
Meus pais, Rosa e Zeppi, sem quem eu nunca existiria.
Patrick e Rodrigo, meus companheiros de epidemia.
Vicente, companheiro de TFG.
E a todos e todas que compõem uma lista interminável de amizades que me fizeram ser como sou.

Apresentação

O que esperamos de um livro quando o abrimos?

Todo livro carrega dentro de si expectativas nossas quanto a seu conteúdo, ele é um dos meios pelos quais registramos e passamos informação de um indivíduo para o outro.

O presente TFG faz um recorte dentro do que consideramos livros, escolhe dentre diversos modelos[1] a forma códice para tecer experimentações. Esta escolha ocorre pela consideração que tenho deste como um bom suporte para o fácil reconhecimento do que geralmente julgamos livro.

Escrito isso são feitos doze experimentos naquilo que por motivos práticos caracterizo como livro[2].

É a partir desses primeiros exercícios que busco evidenciar o objeto do livro para além do suporte que contém elementos da leitura. As experiências evidenciam ordens e aspectos sobre a forma como lemos que estão ocultos e passam despercebidos em nossa leitura.

Os doze livros buscam afirmar suas vontades de ser, e nos impõem a quebra de normatizações presentes no nosso tempo. A expectativa é dissolvida pela curiosidade e pelo esforço da decifração, que despertam conforme nos deparamos com as diversas manifestações do livro. O trabalho não visa a conclusão, mas expõe continuações daquilo que considero um meio de registro das informações que adquirimos em nossa vida, livros.

Segue nas páginas seguintes diversas considerações que tive conforme os livros eram produzidos.

“Sereis como deuses”

– Serpente do Éden

Livro segundo Livro

Quando imaginamos um livro a primeira imagem que é evocada em nossa mente é a do códice, ou seja, de um conjunto de páginas que é ordenado em sequência e encadernado. Em cada página é contida informação escrita ou ilustrada, no caso da linguagem escrita é seguida as regras da gramática determinada pelo idioma em que o livro foi escrito. A partir dessa primeira definição geral do livro em nosso imaginário pode-se pensá-lo como um arquivo de informação escrito por nós para ser interpretado por nós, uma unidade de informação que é transmitida e transformada através da leitura[3]. O trabalho desenvolvido pretende explorar o livro neste formato, códice, e possíveis desdobramentos resultantes de alterações no campo gráfico e do código escrito de seu conteúdo.

Vilém Flusser e Louis Bec escrevem a fábula *Vampyrotheutis infernalis* onde definem o ser humano como uma espécie que objetifica informação[4], registra coisas e significa o mundo físico, organiza matéria em um código definido que pode ser lido e interpretado pelo outro. O livro nesses horizontes é um meio intermediário da informação que está contida em si, um objeto passivo que transmite informação de um emissor para um receptor. Nós com um código genético praticamente fixo lemos o mundo objetificado por nós mesmos, conforme as mudanças informacionais que recebemos tendemos a tecer uma linha de progresso civilizatório cujo fim não é certo nem óbvio mas é ditado por um plano de desenvolvimento e progresso.

Mas e se ele traísse essa ordem? Deixasse de ser um meio passivo e se manifestasse conforme conveniente para ele, livro. É a partir da inversão dessa chave que este trabalho propõe se definir, transformar o livro de objeto passivo para agente ativo em sua apresentação.

Para essa inversão acontecer parte-se de uma primeira hipótese de que o livro deve criar vontade própria e mudar sua condição de suporte para ser um objeto com identidade. Em paralelo com o ser humano, que possui o mesmo código genético mas unicidade quanto a sua identidade, o livro também possui um mesmo conteúdo o qual reorganiza de forma a determinar a si sua unicidade. No trabalho essa quebra de ordem, a infusão da personalidade e consequentemente a perversão da ordem, permite o jogo sintático com o qual o livro se reformula e se tensiona a seus desejos.

É de se pontuar também que não existe um sentido ou função ao acontecimento da revolta do livro quanto à sua condição, o motivo é ausente. O desenlace da inesperada sequência de eventos que se materializa no trabalho promove reconsiderações da ordem do projeto gráfico do livro, e em uma das camada do campo semântico são evocadas situações cômicas dadas pelas circunstâncias (pensando em relação aos títulos que os livros recebem e não em relação ao texto escolhido) com as quais nós, como leitores, temos que nos adaptar para ler um mesmo livro diversas vezes. O humor presente no trabalho permite a liberdade de uma manipulação lúdica com relação

a aspectos do livro, e a redescoberta de vários motivos (pelos quais o livro é como é) que passam despercebidos pela leitura automática, prática esta impossível perante os livros apresentados no trabalho. Os livros nos obrigam ao exercício da decifração.

Todo o livro possui um autor, alguém que por um motivo e finalidade precisou registrar informação em um suporte para não depender da memória, para possuir um depósito de informações importantes que poderiam ser facilmente consultadas. O livro como objeto inativo e portanto amorfo contém a informação conforme ela foi escrita em si. Neste cenário o trabalho propõe um primeiro ato de rebeldia, um quadro onde alguém escreve um livro e este se publica conforme conveniente ao perfil dele. Em um primeiro momento a forma do livro é definida por uma pessoa, senão o autor do conteúdo por um designer[5], a apresentação do livro não é propriamente definida por ele mas existe a possibilidade do designer fazer uma infusão de personalidade no livro pela forma com que o conteúdo se organiza nas páginas. Nesse primeiro momento aparece o primeiro indício de vida ou vontade no livro. Este apresenta seu conteúdo para o leitor conforme escolhas gráficas definidas, mas ainda se trata de uma ilusão pois a vida não se dá por uma condição própria, o livro não toma decisões, ele é o produto do projeto de alguém. A aparente vida se dá pela transparência do designer, que se esconde sob a sombra de seu projeto gráfico.

Jorge Luis Borges em seu conto *O livro de areia* imagina um livro infinito cujo título se dá pelo próprio nome do conto. Este livro possui a característica de nunca se abrir na mesma página. Ele opera sobre a ideia de que existe uma infinidade de grãos de areia em uma praia e na da singularidade de cada um deles, a partir dessa praia se estabelece a metáfora entre os grãos e as páginas, e do evento que se torna muito remoto ou até impossível que é o de reencontrarmos um mesmo grão de areia em uma praia depois que o devolvemos à areia, ou de reencontrar uma página depois que a viramos. O conteúdo que se apresenta sempre novo dá vida ao livro que aparenta ser autor de si próprio, força motora produtora de páginas. Este livro nunca se permite ser aberto em uma mesma página, o suposto escritor do texto (o conto é escrito em primeira pessoa) através dessa condição de possuir tal livro diabólico se assombra com a implacável ordem que o livro determina a seu leitor.

O livro quando *vivo* se torna designer gráfico de si próprio ou coautor à medida que modifica-se e nos força a ler e interpretar seus conteúdos de formas variadas, fazendo com que leitores tenham experiências diferentes conforme suas diversas manifestações, mesmo tendo como princípio um único texto. O texto quando impresso de outra forma que não a que estamos acostumados modifica a comunicabilidade de sua essência, conforme a intervenção a intenção do autor se distancia de sua primeira pretensão. Em alguns dos livros a leitura do

texto escrito se dificulta e interpretamos a página por outra perspectiva que não a de ler um texto, a mudança da forma de leitura impacta profundamente nossa interpretação do conto.

O "livro segundo livro" opera e modifica a página já diagramada, adiciona uma camada de sentido conforme determina um porquê do livro ter se manifestado daquela forma e nos estabelece uma nova interação com seu conteúdo. Somos provocados a pensar e repensar a linguagem escrita conforme diversas barreiras são colocadas na nossa despercebida leitura automática. Assim os livros propõem uma reflexão de como os lemos, manipulam o código atualmente presente para que tenhamos novas relações e assim repensemos porque escrevemos conforme escrevemos.

Processo

Durante o primeiro período de considerações, antes de qualquer primeiro delineamento de projeto, tive vontade de pensar junto com dois projetos de Bruno Munari: os *pré-livros* e o livro *desenhando uma árvore*[6].

Os pré-livros foram um projeto que consiste de doze pequenos livros, neles foi pesquisada a possibilidade de como o material e a forma podem interferir e modificar capacidades da comunicação visual de um livro antes deste receber algum texto. A partir desta ideia faz-se um marco separatório, existem dois casos: os livros antes de receber seu conteúdo e os livros depois de receberem seu conteúdo. Um dos pontos de partida para meu projeto teve como base considerações similares, mas desta vez no segundo caso, quando um livro já possui informações em suas páginas, é possível interferirmos na capacidade visual de um livro depois que este já possui seu conteúdo diagramado? Sinto que ambos os projetos possuem hipóteses muito similares mas campos de intervenção muito distintos.

Apesar de também terem sido feitas doze manifestações de livros isso foi mera coincidência, pois este é um trabalho que tende a uma infinidade de possibilidades, assim como os pré-livros. O número de livros se definiu conforme a permissão do tempo disponível. Imagino que ambos os trabalhos não procuram definir uma totalidade, um fim, mas demonstrar o primeiro passo do que pode e deve ser continuado por uma longa caminhada.

No livro desenhando uma árvore Munari exemplifica como uma única ordem projetual, mesmo simples, pode

eventualmente resultar em uma infinidade de resultados distintos[7]. No texto é colocado que um tronco ou galho sempre se divide em dois ou mais galhos de diâmetro menor do que o originário, é a partir desta sentença que nascem as mais diversas silhuetas de árvores. Munari explora alguns parâmetros dentro desta ordem para seus desenhos, qual é a extensão destes galhos? São retos ou tortos? Quais são seus ângulos? Quantos galhos devem partir do galho anterior? Qual deve ser a diferença entre os diâmetros dos galhos?

Trazendo esse pensamento para a ordem do livro torna-se o desafio reconhecer quais são os parâmetros que podem ser modificados para determinar possíveis manifestações. Neste exercício é de se notar como existem muitas práticas que passam despercebidas por nós por conta de gestos automáticos que temos em nossas percepções e leituras do mundo que objetificamos, e consequentemente significamos.

Um mecanismo que foi utilizado para facilitar o reconhecimento desses parâmetros é o uso de artifícios do campo do *humor nonsense*. Em um momento em que somos cegos pela prática contínua e pelo costume usa-se um tipo de humor que opera exatamente infiltrado dentro da ordem das coisas, uma vez dentro de um processo lógico é promovida uma traição que o ressignifica. Somos obrigados a aceitar o novo contexto e achar um novo sentido para aquilo que antes era comum. Daí o riso, do estranhamento e da questão que nos ocorre quando pen-

samos em algum porquê ou sentido de algo ter se manifestado de determinada forma. Há sentido nesta traição?

O humor nonsense como princípio de pensamento de uma intenção facilita nossa compreensão sobre o livro, pois temos que voltar algumas etapas para entender os sentidos pelo qual os livros são como são, e alterar esses sentidos para criar as hipóteses de como os livros poderiam ser.

Dentro de algumas operações feitas nos livros estão importações de modelos de outros idiomas de escrita para o português (como nas inversões de direção de leitura[8]), resgates de tipos antigos que caíram em desuso (como é feito com o *pé de mosca* "¶", para determinar inícios de novos parágrafos) e distorções e recortes do desenho tipográfico. A manipulação de valores nos parâmetros somada aos títulos dados para cada livro determinam o propósito pelo qual ele existe, mesmo que este não tenha um sentido claro para nós.

O raciocínio para desenvolvimento dos livros tinha dois pontos de partida, um no campo sintático: quando é descoberto um parâmetro e através da sua manipulação é atribuído um título ao livro; e o outro que parte do campo semântico: quando se tem uma intenção de título em mente e a partir dela é pensado qual é parâmetro que pode ser manipulado para melhor condicionar o livro a essa intenção.

Através do cenário descrito é feito o percurso pelo qual foram definidos os doze livros apresentados neste

trabalho final de graduação. Como em toda pesquisa experimental, o processo é aberto a derivas erráticas, ele foi composto de diversos becos, muitos projetos que pareciam interessantes em um primeiro momento quando executados não funcionavam bem, mas também houveram felizes acidentes que levaram uma primeira tentativa a um segundo sucesso. Em um trabalho que possibilita uma imensidão de resultados é essencial que se tenha bons critérios para conseguir separar harmonias de ruídos, a crítica ao que está sendo feito é uma das mais potentes ferramentas que o operador tem em mãos para rever e qualificar seus resultados, para além dos próprios sentidos são sempre bem vindos sentidos alheios sobre os trabalhos desenvolvidos[9].

A escolha do texto

O texto escolhido para desenvolver os experimentos foi o conto de Machado de Assis chamado *A Igreja do Diabo*, um texto de fácil acesso por conta de já estar em domínio público[10]. Em um primeiro momento para me afastar de influências do campo semântico usei como critério de escolha não o conteúdo mas o número de toques que o texto possui, aproximadamente 12500, dessa forma pude diagramar o livro em um pequeno folheto de 16 páginas, o que facilitaria a tarefa e a dinâmica de se fazer vários experimentos. Com uma encadernação simples em canoa eu resolveria facilmente as edições finais.

Fora só tardiamente, quando já estava no décimo livro que resolvi ler o conto para minar minha ignorância quanto ao conteúdo que várias vezes já havia distorcido em experimentos. Nisso aconteceu a coincidência de o texto ser sobre a contradição humana e de isso se alinhar muito bem com os livros que desobedecem também as suas condições.

Involuntariamente foi tecido um sentido entre as operações que o trabalho se dispõe a fazer e o texto escolhido.

O projeto gráfico

O tratamento gráfico dado ao livro visou principalmente simplicidade, o motivo para isso foi para evidenciar com maior intensidade quais eram os parâmetros que eram modificados para cada uma das manifestações do livro, não haviam informações excedentes ofuscando as intervenções. Foi utilizada somente uma família tipográfica para todo o projeto, a fonte gratuita *Crimson Pro*, e páginas livres de ornamentações e marcações.

O ateliê em casa

Dentro do quadro epidêmico de 2020 tiveram que ser feitas diversas adaptações no processo de confecção do Trabalho final de graduação. Uma das primeiras decisões que foram tomadas foi a de adaptar o projeto para ser feito inteiro em casa, o isolamento definiu uma condicion-

ante onde ficou difícil e arriscado, para mim e para técnicos, o acesso aos laboratórios gráficos da FAU.

Com sorte pude contar com um computador e uma impressora caseira para pensar o trabalho e testar soluções gráficas.

Em casa nos vemos isolados da convivência do ateliê, um ambiente importante para produção mas também para a troca, a efemeridade das pessoas que transitam no espaço promove encontros e discussões que dão novas perspectivas aos trabalhos. Em um momento em que me encontrava ciente destas condicionantes me vi voltado ao meio digital para tentar preencher este vácuo que acredito ter aparecido no processo projetual.

Ao mesmo tempo que o ateliê digital implica na distância física ele também determina aproximações. Na era da informação temos acesso a muitos conteúdos que não se limitam a localidades, o ateliê digital não limita seus usuários, as mesmas ferramentas estão disponíveis para muitas pessoas que as utilizam e as reinventam conforme seus propósitos, a espacialidade do ateliê digital tem escala global.

Reconheço que existe sim uma questão quanto a acessibilidade das ferramentas, *softwares* pagos, inscrições e conteúdos exclusivos para *membros premium*, para citar alguns exemplos. Na produção dos livros foram utilizados os *softwares* da *Adobe* e o programa *open source* chamado *Blender*, são programas profissionais em nível de qualidade muito similar mas que em sua essência de

acesso possuem essa diferença que determina a possibilidade de uso para muita gente.

Para além da questão do preço também senti que a relação que um software open source tem com seus usuários modifica radicalmente sua interação com suas ferramentas, livre de motivos profissionais são atraídos muitos curiosos que passam a testar possibilidades das ferramentas com diversos propósitos que transcendem os porquês de suas funcionalidades. Cresce uma comunidade muito diversa, que aprende o software como hobby, e compartilha feitos em uma dinâmica acelerada, há também aqueles que visam otimizar funcionalidades e programam e modificam códigos para lançar novas ferramentas[11].

As comunidades digitais foram muito importantes para auxiliar o pensamento dos livros, conforme eu aprendia ferramentas nasciam novas possibilidades de modificar os livros. Mas não acredito que o espaço digital exclua ou tome lugar das vivências físicas de um ateliê, é uma complementação, e para suprir as necessidades desses encontros físicos mantive contato com diversas amizades por ligações virtuais para discutir pontos do projeto, de forma não ideal mas possível.

Os livros

A seguir serão dispostos todos os livros com breves explicações para registrar a ordem com que foram feitos e ponderações relevantes.

Segue-se uma lista cuja leitura provavelmente será monótona se lida de forma contínua, mas interessante para esboçar pontos e raciocínios que foram considerados durante os projetos dos livros.

Aconselha-se a leitura fragmentada vinda de curiosidades que os livros projetados podem ter despertado.

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma

Do livro como normalmente se apresenta.

Este foi o livro original, o primeiro projeto, diagramado da forma como normalmente vemos os livros diagramados. Sua função, além da cômoda leitura, foi a de se tornar a base para todos os experimentos que vieram a seguir.

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um droguista-

Do livro com Hipermetropia.

A primeira intervenção tem seu princípio em um problema de visão do olho humano, mas dessa vez impresso no livro. Interessante seria haver uma lente corretiva que pudéssemos usar que nos permitisse ler este livro *normalmente*.

Nesta manifestação ocorreu-me um primeiro impasse vindo da dúvida de como esse material ficaria impresso. Considerando a forma como imprimimos coisas, do positivo e negativo da xilogravura até os sistemas de retículas por meio da qual as impressoras geralmente operam, a graduação infinita das cores entre o positivo e o negativo sempre foi uma questão. Foram desenvolvidos vários métodos para reproduzir isso, um dos mais notáveis sendo da xilogravura japonesa (*Ukiyo-e*) onde na entintagem os impressores dissolvem a tinta com água e com isso conseguem atingir tonalidades intermediárias.

Houve esse momento de medo do desfoque se tornar uma nuvem disforme de pontos pretos, mas no fim a retícula conseguiu cumprir bem seu papel, ainda haviam traços reconhecíveis dos tipos em meio à impressão do desfoque. Embora não perfeita, a ilusão funcionou, o que foi bem libertador de preocupações para outras manifestações que vieram posteriormente.

puxando pelas fàs urtigas e vinham atrás foram chegando as outras, esperando. A igreja fundara-se, porque havia uma região do globo, com a língua que não a tradução essa. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, pois, contou o Diabo que muitos dias, sem praticavam as antigas vinhas das, nem integralmente, mas algo, às ocultas. Certas ocasiões, ou quatro vezes, em dias de preceito católico, muitas, à noite, ou nas ruas, apoderadas do erário restituíam; os fraudulentos falavam, uma ocasiões mãos, mas com o mesmo fazer dizer que estavam embaçando os.

A Diabo Mata deu-se a conhecer mais vigilante muito. Alguns casos, sem que o de um droguista do Levante, que uma geração inteira, sacrificou os filhos das vítimas. No Cadão de camelos, que tapavam o Diabo deu com ele à entrada do procedimento; ele negou, dizendo que um drogoma-

Do livro cujas colunas de texto dobram sobre si mesmas.

Este livro evoca a ilusão de uma operação mecânica sobre a página, ele lembra o acidente que ocorre quando fechamos um livro com descuido e uma página dobra sobre si mesma se amassando em seu interior, ou quando não temos um marcador e dobramos uma página criando assim um ponto de orientação pelo qual podemos posteriormente retomar algum trecho do livro.

negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma-
entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele
tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à
timas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que
teira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vi-
do Levante, que envenenara longamente uma geração in-
casos eram até incompreensíveis, como o de um drogueista
mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns
embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer
mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam
uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o
tuam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam,
ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário resti-
católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas
quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito
Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou
mente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas.
tigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integral-
muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as an-
brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois noton o Diabo que
travaisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou
do globo que não a conhecesse, uma língua que não a
ara-se; a douutrina propagava-se; não havia uma região
outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fund-
ham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as
puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vin-

Do livro para ser lido no espelho.

Ler este livro envolve o exercício de se colocar em frente a um espelho, ou o esforço que vai além da quebra do hábito da leitura da esquerda para a direita, pois também é necessário o esforço de reconhecer os tipos que também estão espelhados. Este segundo esforço não foi óbvio, e só se tornou visível para mim a partir do momento em que olhei a coluna de texto e percebi que ele parecia ter sido escrito em outro alfabeto.

h m l st r-s n gr j n v . tr s f r m ch g nd s tr s, t mp b nç nst t ç . gr j f nd r -s ; d tr n pr p g v -s ; n h v m r g d gl b q n c nh c ss , m l ng q n tr d z ss , m r ç q n m ss . D b lç br d s d tr nf .

m d , p r m, l ng s n s d p s n t D b q m t s d s s s f s, s sc nd d s, pr t c v m s n-t g s v rt d s. N s pr t c v m t d s, n m nt gr l-m nt , m s lg m s, p r p rt s, , c m d g , s c lt s. C rt s gl t s r c lh m-s c m r fr g lm nt tr s q tr v z s p r n , j st m nt m d s d pr c t c t l c ; m t s v r s d v m sm l s, n t , n s r s m l p v d s; v r s d l p d d r s d r r r st t m--lh p q n s q nt s; s fr d l nt s f l v m, m tr v z, c m c r ç n s m s, m s c m m sm r s-t d ss m l d , p r f z r cr r q st v m mb ç nd s tr s.

d sc b rt ss mbr D b . M t -s c nh c r m s d r t m nt m l, v q l vr v m t . lg ns c s s r m t nc mpr ns v s, c m d m dr g st d L v nt , q nv n n r l ng m nt m g r ç nt r , , c m pr d t d s dr g s, s c rr s f lh s d s v t m s. N C r ch m p rf t l dr d c m l s, q t p v c r p r r s m sq t s. D b d c m l ntr d d m , l nç -lh m r st pr c d m nt ; l n g , d z nd q l r b r c m l d m dr g m n ; r b - , c m f t , v st d D b f d -l d pr s nt m m z m,

Do livro que omite suas vogais.

Este seria um livro muito complicado de ser feito se dependesse de um sistema manual para ser impresso, através de ferramentas digitais foi possível atribuir características que permitiram a fácil omissão de determinados caracteres.

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras; e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundada; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo. Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo [illegible] Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente [illegible] vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à [illegible]

Do livro quando torcido.

Este foi o primeiro livro que resultou páginas que continham aspecto tridimensional mais evidente.

Para o fazer recorri a um *software* (chamado *Blender*) que permitia a manipulação de objetos em três dimensões, nele as páginas se contorciam e se distorciam conforme as torções eram feitas. A soma de diferentes torções em diferentes eixos gerava efeitos que iam além dos possíveis no meio físico.

Este experimento serviu como uma primeira consideração das possibilidades que o meio digital permite. Apesar de ser uma operação baseada em uma ação simples, a torção, a imaterialidade da página permitia que esta realizasse sobreposições impossíveis em meio físico.

- Re operação ea.

e de seu o nos, que

sua vez de ir à varanda. Como não havia ninguém, ficou
esperando. Ao ver que não chegava ninguém, ficou
triste e voltou para o seu lugar. Quando chegou a
sua vez de ir à varanda, ficou muito feliz e
correu para lá. Ao chegar, viu que havia
muitos brinquedos e ficou muito feliz.

Já o menino da história ficou muito triste
porque não havia ninguém para brincar com ele.
Ele ficou esperando e esperando, mas ninguém
chegou. Então, ele voltou para o seu lugar e
ficou muito triste. Quando chegou a sua vez de
ir à varanda, ficou muito feliz e correu para
lá. Ao chegar, viu que havia muitos brinquedos
e ficou muito feliz.

Do livro cuja frente espia o verso.

Este é um dos livros que mais sofreu alterações durante o trabalho. Inicialmente foi considerada a hipótese de se criar janelas internas à mancha gráfica em diversos formatos, que mostrassem o verso da página. O que não resultou em algo graficamente interessante.

Em uma segunda tentativa considerou-se usar o próprio desenho dos tipos da página como janela para mostrar seu verso. A partir desta nova ordem o resultado gráfico é a intersecção entre os tipos da frente e do verso, ou seja, a frente e o verso ficam com o mesmo resultado gráfico, mas de forma espelhada.

turbas, o D
explicação,
imo!” A , A
porque essa
oximo era qp
ão ser outra
esmo. E co
explicação,
turbas, o D
am aç

Do livro quando lido por um caleidoscópio.

Neste livro foi utilizado um *sofware* (novamente *Blender*) para fazer os cálculos das reflexões da luz. Nele as imagens são geradas a partir de modelos tridimensionais, o raciocínio analógico foi utilizado para montar um aparato no meio digital, este dispositivo visava reproduzir com perfeição exata um resultado impossível no meio físico.

No meio digital há diversos aspectos que podemos controlar, nele conseguimos um espelho perfeito, posicionamos a câmera perfeitamente ortogonal à página, definimos a perspectiva desejada, melhoramos alguns aspectos quantitativos finais da imagem (números que definem a qualidade final de como a luz vai se comportar em cada superfície, números de reflexões, refrações, etc.) para que seja feito o cálculo.

Após um tempo que depende da capacidade de processamento do computador utilizado temos a imagem que instantaneamente é processada por nós mesmos em qualidade excepcional.

O computador permite um mundo controlado por parâmetros, mas é incapaz de processar o mundo como nós o enxergamos. Ter o controle do mundo define a necessidade de processar todos os eventos deste mundo, diferente do software nós somente observamos e reagimos ao mundo, somos passivos a suas regras.

belacasanacampanharomana,telas,estátuas,biblioteca,
etc.Eraafraudeempessoa;chegavaametersenacamapara
nãoconfessarqueestavasão.Poisessehomem,nãosónão
furtavaaojogo,comoaindadavagratificaçõesaoscriados.
Tendoangariadoaamizadedeumcônego,iatodasas
semanasconfessar-secomele,numacapelasolitária;e,
conquantonãolhedesvendassenenhumadassuasações
secretas,benzia-seduasvezes,aoajoelhar-se,eao
levantar-se.ODiabomalpôdecrertamanhaaleivosia.Mas
nãohaviaqueduvidar;ocasoeraverdadeiro.¶Nãosedeteve
uminstante.Opasmonãolhedeutempoderefletir,
compararecondluirdoespetáculopresentealgumacoisa
análogaaopassado.Vooudenovoaocéu,trêmuloderaiva,
ansiosodeconheceracausasecretadetãosingular
fenômeno.Deusouviu-ocominfinitacomplacência;nãoo
interrompeu,nãoorepreendeu,nãotriunfou,sequer,
daquelaagoniasatânica.Pôsosolhosnele,edisse-lhe:¶
—Quequerestu,meupobreDiabo?Ascapasdealgodãotêm
agorafranjasdeseda,comoasdeveludotiveramfranjasde
algodão.Quequerestu?Éaeternacontradiçãohumana.

Do livro contínuo.

O livro contínuo parte da ideia de atingir um texto sem espaços nem parágrafos (considerando os parágrafos como interrupções e quebras da linha de texto), algo que não é nada original pois foi necessário o resgate de um tipo que caiu em desuso, o pé de mosca (*pilcrow* "¶"), para sinalizar o término e início de parágrafos. Este caractere era utilizado durante a idade média para demarcar que ali se iniciava uma nova linha de pensamento.

O texto como linha contínua permitiu diversos novos desenhos de manifestações de livros, a partir do momento que se tem somente uma linha de texto sem as interrupções dos parágrafos pode-se raciocinar com maior facilidade novas formas de se dispor o texto, um dos possíveis projetos que foi considerado mas não realizado é "Do livro em espiral", por exemplo.

eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para todos os Faustos do século e dos séculos.¶ — Explica-te.¶ obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas comenda... Vou a negócios mais altos...¶ Nisto os serafins uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em homens... Mas, vai! vai!¶ Debalde o Diabo tentou proferir Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não havetuir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro vam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, um calabrês, varão de cinqüenta anos, insigne falsificaera verdadeiro.¶ Não se deteve um instante. O pasmo não

Do livro cujas linhas de texto transcendem suas páginas.

Este é um livro que só foi possível a partir do livro contínuo, neste projeto resgatam-se os espaços mas mantém-se a estrutura de um texto escrito em uma linha contínua.

A linha transcende sua coluna de texto e continua na coluna seguinte. A leitura se desenvolve em um movimento que relembra a helicóide, a mudança para a próxima linha de texto se torna mais fácil girando o livro ao invés de voltando suas páginas até seu início. Um outro título para este livro que foi considerado foi “Do livro de verão” por conta do vento que é gerado através da frequente mudança das páginas.

Do livro cujos tipos não se fixaram à página.

Este foi um dos projetos que precisou ser abandonado por conta das dificuldades técnicas que apareceram conforme tentava-se chegar a sua forma final. As tentativas de simular a queda dos tipos na página falharam pela alta complexidade do desenho tipográfico e por conta do extenso número de interações que esses tipos teriam um com o outro.

O resultado ao lado veio da manipulação individual de cada tipo para tentar reproduzir como eles ficariam após sua queda. Exercício que valeu a pena para visualizar o resultado em uma página, mas o tempo que seria dedicado para fazer o folheto inteiro não justificou a sua conclusão.

Do livro em baixa resolução.

Este foi um livro planejado para ter suas páginas em uma resolução baixa de *15dpi* (15 pontos por polegada). Ironicamente, no momento da impressão, as imagens eram processadas de forma a suavizar as extremidades de cada ponto conforme as tonalidades dos pontos vizinhos, para resolver isso e deixar o *pixel* (*picture element*, o ponto digital) definido foi necessário retornar a imagem em baixa resolução para uma condição de alta definição de *300dpi* (300 pontos por polegada). Desta forma cada quadrado na imagem no arquivo é um conjunto de 20x20 pontos, ou seja 400 pontos.

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma-

Do livro em zigue-zague.

Este livro parte da hipótese de tentar diminuir o quanto o olho tem que se deslocar de uma linha para a outra, desta forma a leitura se intercala da esquerda para a direita e depois da direita para a esquerda. Esta ordem só se quebra nos inícios de parágrafo que sempre se iniciam com a leitura da esquerda para a direita, o que deixou a ordem da manifestação mais clara e menos confusa.

Apêndice

Livros inteligentes

No processo de se fazer o trabalho dos doze livros foi se determinando diversos parâmetros que poderiam ser editados para modificar as páginas conforme elas se apresentavam, parâmetros referentes ao código escrito, à tridimensionalidade da página, à nossa visão, e a diversos outros aspectos do livro. Assim a informação é impressa conforme um molde proposto.

Em um primeiro momento somos editores que definem valores a esses parâmetros, no livro cujas páginas dobram sobre si mesmas somos nós que definimos onde essas páginas se dobram, no livro com hipermetropia somos nós que definimos o grau da hipermetropia. Os livros se manifestam enquanto manipulamos algumas de suas características. É criada uma ilusão a partir da qual os livros parecem ser editores de si mesmos, mas estes continuam como objetos inanimados. Somos nós que os editamos conforme nossas vontades.

A partir deste trabalho comecei a considerar outras hipóteses de raciocínio para manipular informação. No computador tive diversos aparatos para visualmente me auxiliar na manipulação do conteúdo do livro, a interface organiza informações e simula uma prancheta, a superfície da mesa de trabalho, uma tela para desenho, um laboratório tipográfico, um ateliê de modelagem, um estúdio fotográfico, minha mão que gesticulo com o auxílio de um *mouse* ou uma caneta, a lista de possibili-

dades é imensa. Mas por debaixo da tela, da camada que chamamos de interface acontecem os processos, uma sequência infinita de ordens que determinam o que aparece para nós. Posso editar livros alterando esses códigos que se encontram ocultos? Os livros são uma tradução de um código binário que segue a sintaxe computacional? Entender essa sintaxe expande a abrangência de intervenções que eu tinha em um primeiro momento?

Foram me surgindo diversas questões sobre as possibilidades de operações que eu poderia dentro da programação. Manipular um livro a partir de seu código fonte. Nos *softwares* de edição haviam possibilidades de manipular aspectos do livro através de um raciocínio analógico proveniente da interface que nos é apresentada. Existe portanto um outro tipo de raciocínio que pode ser utilizado para programar intervenções em um livro, até o momento considero ser um raciocínio lógico pautado pela sintaxe de um código definido.

Definindo parâmetros e adequando valores são gerados os resultados, tendo um livro como ponto de partida podem ser gerados outros conforme o número de possibilidades que o parâmetro determinado permitir.

No conto *A biblioteca de Babel*, escrito por Jorge Luis Borges, é imaginada uma biblioteca que possui uma imensidão de livros, estes são volumes que apresentam todas as combinações com que um conjunto definido de letras pode se organizar. A partir dessa ordem e da determinação deste parâmetro um computador pode

gerar essa infinidade de livros, mas sem um mecanismo crítico, sem critérios de separação, não consegue separar o que é legível para nós do que não é. Acabaríamos perdidos em um infindável volume de conjuntos de letras, sendo que em sua grande maioria não teria nenhum sentido para nós. A única coisa que teríamos é a certeza de que em meio ao ruído existe um conjunto que é perfeito, que determina o que aconteceu e o que acontecerá até o fim da história. A fórmula que buscamos para explicar o universo à nossa volta.

A hipótese de programar livros pode resultar em infinidades de possibilidade, mas não somos capazes de mensurar e muito menos de processar números muito grandes de informação, para nós eles se tornam infinitos. Em seu conto Jorge Luis Borges escreve sobre os aventureiros que buscam o livro perfeito, que rege e determina a origem e o fim da linguagem, mas que se perdem no labirinto de papel em meio às tentativas frustradas da busca.

Seria possível uma biblioteca que conseguisse definir o que é conveniente para nós lermos? Ou um livro que consegue determinar, com critérios, informações pertinentes em meio ao ruído?

O livro inteligente é o livro máquina, que consegue discernir em meio às diversas possibilidades as informações que são importantes para nós, para então apresentá-las em seu miolo. Ele analisa, aprende e reescreve seus critérios para processar informação e apresentar uma fatia de uma amostra. O livro se torna autônomo, não depende

mais de nós para manifestar seus conteúdos.

Um próximo campo de pesquisa que pode ser explorado é o de aprendizado de máquina (*machine learning*), através dele cria-se a possibilidade de adicionar uma camada de inteligência artificial no livro. O livro passa a catalogar conteúdos diversos e aprender e se adaptar aos contextos aos quais se encontra. Algumas ponderações aparecem sobre a possibilidade de um livro se escrever, ser autor de si mesmo.

O livro eletrônico permite a produção instantânea de uma página, faz com que seja possível que o conteúdo de um livro esteja sempre em movimento, adiciona dinâmica nas informações que antes se viam imóveis. O livro inverte seu papel e passa a ler nossos dados para produzir páginas para serem lidas por nós.

Quem escreveu os livros da biblioteca de Babel?

Notas

1. Na história do livro já se foram usados diversos suportes para se escrever informações, para nomear alguns temos as placas de argila e cera, rolos, livros sanfonados, códices, tiras de bambu e atualmente temos o livro eletrônico (*e-book*). Não considero que estes suportes tenham uma linearidade evolutiva, eles se entrelaçam em complexa rede carregando entre si similaridades.
2. Ana Elisa Ribeiro possui um texto intitulado "O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais", nele são feitas diversas considerações segundo diversos agentes, pessoas e instituições, sobre o que faz do livro o livro.

   Para este trabalho e exercício considero como livro os objetos portáteis que carregam em si textos e ilustrações registrados por nós.
3. No livro "Design da Escrita: redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção", Antônio Suárez Abreu desenvolve um reflexão sobre o que é o texto, nela ele determina que todo texto é: a) uma proposta de construção de sentidos; b) produto de uma intenção; c) existe, sempre dentro de um gênero.
4. Na fábula o ser abissal, o *Vampyroteuthis Infernalis*, é analisado como a espécie que evoluiu na linha contrária à raça humana, no texto são feitas comparações em diversos aspectos para a partir do opos-

to conhecermos nós mesmos melhor. São descritas duas espécies que lutam contra o esquecimento e buscam preservar de alguma forma as informações obtidas, somos categorizados como espécie que adiciona informações e sentidos aos objetos enquanto o Vampyroteuthis infernalis passa as informações adquiridas geneticamente para seus descendentes.

5. No livro "Artista e designer", Bruno Munari busca comparar atividades desses dois tipos profissionais para tentar definir melhor como ambos operam com relação a seus trabalhos. Acho que esse livro contém reflexões que podem nos auxiliar, para melhor compreender, como a obra do escritor influencia o designer e vice-versa.

   Em alguns casos esses papéis podem se mesclar como acontece no livro "Jogo da amarelinha". No texto "De outra máquina celibatária" Julio Cortázar apresenta croquis do projeto de uma máquina que abriga o livro e permite sua navegação, o autor desenha um livro-máquina.

6. Tradução do título feita por mim, não encontrei nenhuma edição desse livro para o português.

7 O livro também nos incentiva ao ato de desenhar. Aguça nossa observação para conseguirmos reconhecer padrões e ordens nas formas das coisas para que assim possamos reproduzi-las.

8. No caso do árabe e do hebraico a leitura do texto escrito se dá da direita para a esquerda. No japonês

além da leitura da direita para esquerda pode-se escrever os textos de cima para baixo. Esses são alguns exemplos de idiomas que possuem outras ordens de leitura diferentes da utilizada no português.

Um exercício interessante que pode nascer das doze manifestações feitas neste trabalho é a sua tradução para outros idiomas.

9. Durante o desenvolvimento dos livros comecei a mostrá-los para amigos e amigas, os comentários alheios sempre trazem perspectivas outras que enriquecem o trabalho e nos mostram novos caminhos de desenvolvimento. Um livro não desenvolvido mas que gostei bastante da ideia foi a "Do livro RGB" por exemplo que evoca uma possibilidade de brincar com a tela impressa, é bem possível que desta ideia tenha nascido, mesmo que inconscientemente, o livro "do livro em baixa resolução".
10. O conto pode ser acessado no seguinte link: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf> acessado em fevereiro de 2021.
11. Atualmente estamos em uma época em que existe a possibilidade de termos acesso a muita informação, no período de epidemia a questão do acesso foi colocada em evidência. Conforme não podemos mais recorrer a locais públicos para obter informações relevantes, temos que recorrer ao meio digital. A acessibilidade nesse quadro coloco com diversas ressalvas pois ela depende, além de diversas barrei-

ras digitais, ao acesso a um computador e à internet.

Um livro que me deparei mas não li profundamente mas que trata destas questões, das barreiras digitais principalmente para livros, é o livro "Open access", da autoria de Peter Suber e publicado pela MIT Press. Infelizmente ele não possui tradução para o português mas está disponível no seguinte link: <https://mitpress.mit.edu/books/open-access> acessado em fevereiro de 2021.

Referências bibliográficas

ABREU, Antônio Suárez. **O design da escrita: redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção**. 1ª reimpressão. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

ALPAYDIN, ETHEM. **Machine learning: the new AI**. Massachusetts Institute of Technology: The MIT Press, 2016.

BORSUK, Amaranth. **The book**. Massachusetts Institute of Technology: The MIT Press, 2018.

BORGES, Jorge Luis. **O livro de areia**. 1ª edição (Coleção Folha. Literatura ibero-americana). São Paulo: MEDIAfashion, 2012.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CADÔR, Amir Brito. **O livro de artista e a enciclopédia visual**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2016.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

CORTÁZAR, Julio. **A volta ao dia em oitenta mundos, tomo I**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. 1ª reimpressão. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FLUSSER, Vilém; BEC, Louis. **Vampyroteuthis infernalis**. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2011.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o via-**

jante, a torre e a traça. 2ª reimpressão. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

MUNARI, Bruno. **Artista e designer**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2015.

MUNARI, Bruno. **¿Cómo nacen los objetos?: Apuntes para una metodologia proyectual**. 1ª edición, 10ª tirada. Barcelona: Editorial Gustavo Gilí, 2004.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MUNARI, Bruno. **Drawing a tree**. Corraini Editore, 2004.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Edusp, 2010.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação**. 3ª edição. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Livro: edição e tecnologia no século XXI**. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2018.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

Composto na tipografia
Crimson Pro

Livro segundo

Anexos

Do livro como normalmente se apresenta.

Do livro com hipermetropia.

Do livro cujas colunas de texto dobram sobre si mesmas.

Do livro para ser lido no espelho.

Do livro que omite suas vogais.

Do livro quando torcido.

Do livro cuja frente espia o verso.

Do livro quando lido por um caleidoscópio.

Do livro contínuo.

Do livro cujas colunas de texto transcendem suas páginas.

Do livro em baixa resolução.

Do livro em zigue-zague.

Do livro como normalmente se apresenta.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a

vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa idéia, não vos parece?

— Vieste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja.

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala

e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor, — a indiferença, ao menos, — com que esse cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu..." O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hissope*; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de

ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloqüência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão

fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma-

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meterse na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.

fonte
Crimson Pro

Do livro com hipermetropia.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

É rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a

vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa idéia, não vos parece?

— Veste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja.

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante no alfobre de memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala

e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor, — a indiferença, ao menos, — com que esse cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos somníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao *pé* de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu..." O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hinope*; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda ponho de lado essas razões de

razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloqüência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuista do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão

fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, convinha dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um droguista-

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe devendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.

Fonte
Crimson Pro

Do livro cujas colunas de texto dobram sobre si mesmas.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu cr será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras re se combatem e se dividem, a minha igreja se não acharei diante de mim, nem Maomé[illegible] muitos modos de afirmar; há só um de negar.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça braços, com um gesto magnífico de ás- da, lembrou-se de ir ter com Deus a tempo. idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos peros de vingança, e disse consig

E rápido, batendo as asas, tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um anciãozinho quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deteve-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os justos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro este bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria bar, em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e aventício. É tempo de obter a

vitória final e c

lealdade, para q

idéia, não vos pa

— Vieste dizê-l

— Tendo razão

gosta de ouvir o ap

te caso seria o aplau

exigência... Senhor, d

dra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha

— Não é preciso, bast

motivo, cansado na tant

ra pensaste em fundar um

O Diabo sorriu com cert

nha alguma idéia cruel no c

no alforje de memória, qual

instante de eternidade, o fa

Deus. Mas recolheu o riso, e d

— Só agora concluí uma obs

alguns séculos, e é que as virtu

grande número comparáveis a

veludo rematasse em franjas de

nho-me a puxá-las por essa franj

minha igreja; atrás delas virão as d

— Velho retórico! murmurou o Se

— Olhai bem. Muitos corpos que

pés, nos templos do mundo, trazem a

smo pó, os lenços chei-
las centelham de curio-
nto e o bigode do pecado.
ao menos — com que esse
cas os benefícios que liberal-
roupas ou botas, ou moedas,
as necessárias à vida... Mas não
enho em coisas miúdas, não falo,
z com que este juiz de irmanda-
ega piedosamente ao peito o vosso
. Vou a negócios mais altos...
agitaram as asas pesadas de fastio e
rielfitaram no Senhor um olhar de sú-
ompeu o Diabo.
m, que ego mor, que pode acontecer a um
especie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que
está dito e redito pelos moralistas do mun-
sto, e se não tens força nem originalida-
i assunto gasto, melhor é que te cales
as as minhas legiões mostram no
tédio que lhes dás. Esse mesmo
bes tu o que ele fez.

ta; teve uma morte su-
a salvar-se numa tá-
or da vida, que se
ua de salvação
o: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantrop é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai v da a tua igreja; chama todas as virtudes, recolh franjas, convoca todos os homens... Mas, vai!

Debalde o Diabo tentou proferir algum Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, no, encheram o céu com as harmonia O Diabo sentiu, de repente, que se as asas, e, como um raio, caiu na

Capítulo III

A boa nova aos homen

Uma vez na terra, e se pressa em enf boa fama, e er traordinária século. El da terr fessa ar

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredar-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airosa. Sou o vosso verdadeiro

o
che.

As t

incutia-l
ordem de e
as perversas e
Nada mais cur
ele dava da fraude.
mem, o braço direito
mens são canhotos, eis tu
fossem canhotos; não era
canhotos, outros destros; acei
não fossem nada. A demonstraç
e profunda, foi a da venalidade. U
chegou a confessar que era um monu
venalidade, disse o Diabo, era o exercício
perior a todos os direitos. Se tu podes vende
teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que s
uma razão jurídica e legal, mas que, em todo ca

fora de ti, como é vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, que são mais do que tuas, porque são a sciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender um sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico e os cabelos, partes físicas, terão um preço ao caráter, à porção moral do homem? Assim o princípio, o Diabo não se demora: vantagens de ordem temporal ou pecuniária, ou ainda que, à vista do preconceito social, simular o exercício de um direito tão legítimo, exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, fornecer duplicadamente.

E descia, e subia tudo, retificava tudo. Está claro que combatendo injúrias e outras máximas de brandura de Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, a exercê-la mediante retribuição, ou pendo outra espécie; nos casos, porém, em que a expansão imperiosa da força imaginativa, ia proibia receber nenhum salário, pois equivaliagar a transpiração. Todas as formas de respeito condenadas por ele, como elementos possíveis do decoro social e pessoal; salva, todavia, a ação do interesse. Mas essa mesma exceção foi logada, pela consideração de que o interesse, como respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a [illegible] pria cortar por toda a s[illegible]to, o amor do próximo era [illegible] instituição. Ele mostrou que essa [illegible] invenção de parasitas e negociantes [illegible] devia dar ao próximo senão indiferença, e[illegible]sos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo a demonst[illegible] que a noção de próximo era errada, e citava esta frase um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

puxadas pelas fàs urtigas e vinham atrás fora chegando as outras, esperando. A igreja fundara-se, porque havia uma região do globo, com a língua que não a tradução, uma. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, pois, contou o Diabo que muitos dias, sem praticavam as antigas vinhas das, nem integralmente, mas algo, às ocultas. Certas ocultas, ou quatro vezes, em dias de preceito católico, muitas, à noite, ou nas ruas, pelo povo do erário restituíam; os fraudulentos falavam, uma ocultas mãos, mas com o mesmo fazer dizer que estavam embaçando os.

A Diabo Mata deu-se a conhecer mais vigilante muito. Alguns casos, em que o de um droguista do Levante, que uma geração inteira, sacou os filhos das vítimas. No Cadão de camelos, que tapava a Diabo deu com ele à entrada do procedimento; ele negou, dizendo, de um drogoma-

no; roubou-o,

sente a um mu-

beneditino cita-

entre elas está, q-

Um dos seus melhores

cinqüenta anos, ins-

possuía uma bela cador de

tuas, biblioteca, etc. Enha rou-

terse na cama para não pessoa

homem, não só não furte estav-

tificações aos criados. Como a

cônego, ia todas as semado a an-

capela solitária; e, confessar-se co-

ma das suas ações secretas, vend-

lhar-se, e ao levantar-se. O Dias vez

aleivosia. Mas não havia que pôde cre-

Não se deteve um instante: era v-

po de refletir, comparar e concão lhe

te alguma coisa análoga aos espetáculo

céu, trêmulo de raiva, ansioso de v-

ta de tão singular fenômeno. Deu a causa

complacência; não o interrompeu, e

triunfou, sequer, daquela agonia sen-

nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo?

dão têm agora franjas de seda, como as

ram franjas de algodão. Que queres tu?

tradição humana.

Do livro para ser lido no espelho.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma ideia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desatá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, àsperos de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a dar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, ficar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma igreja barata bem no centro da cidade, onde todos os meus convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o

— Explica-te.

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que enfrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

pés, nos templos do mundo, trazem as andorinhas da sala
— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos
— Velho retórico! murmurou o Senhor.
minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...
nho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para
velado rematasse em franjas de algodão. Ora, eu propo-
grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de
algum século, e é que as virtudes, filhas do céu, são em
— Só agora concluí uma observação, começada desde
Deus. Mas recolheu o riso, e disse:
instante de eternidade, o fazia crer superior ao próprio
no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve
nha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante
O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Ti-
ra penasste em fundar uma igreja.
motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só ago-
— Não é preciso; basta que me digas desde já por que
— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?
— Vai.
dra fundamental.
exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pe-
te caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal
gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que nes-
— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio
— Visteste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.
idéia, não vos parece?
lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa
vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com

e mergulhou na eternidade. *Nenhum público*: água e o debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação *bua*; mas viu *um* casal de noivos, na flor da vida, que se *blime*. Colhido em *um* naufrágio, ia salvar-se numa tá-

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte su-

— Já vos disse que não.

ancião parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no de para renovar *um* assunto gasto, melhor é que te cales do. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade. esp*í*rito da tua esp*é*cie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mun-

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um plica. Deus interrompeu o Diabo.

*so*no. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor *um* olhar de sú-

*N*isto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e amor e uma comenda... *Vo*u a negócios mais altos...

de, nas prociss*õ*es, carrega piedosamente ao peito o vosso por exemplo, da placidez com que este juiz de irmanda- quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não mente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas, cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberal- *V*ede o ardor, — a indiferença, ao menos, — com que esse sidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. ram aos mesmos cheiros, as pupilas centellham de curio- e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços chei-

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os seraphins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula benedictina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A sobriedade, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declaron não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu..." O mesmo disse da gula, que produzia as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de Hissope; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Lúculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda ponho de lado essas razões de

uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão ten boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por perior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito su- cheguou a confessar que era um monumento de lógica. A e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem mens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos mem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos ho- ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do ho- Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que as perversas e detestar as sãs.

ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar incutia-lhes, a grandes golpes de eloqüência, toda a nova

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo chegava a supplir todas as outras, e ao próprio talento.

origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que to à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quan- locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, jum? Pela sua parte o Diabo promettia substituir a vinha grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do je- melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em trinseco daquela virtude, quem negaria que era muito ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor in-

lação, era este o sentimento aplicado e não aquele. que o interesse, convertendo o respeito em simples admesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de al; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa elementos possíveis de um certo decoro social e pessoas formas de respeito foram condenadas por ele, como salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum sos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casa grátuita, mas induzia a exercê-la mediante te a calúnia mas de brandura e cordialidade. Não proibia formalmenclaro que combaten o perdão das injúrias e outras maxivenalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a preconceito social, convinha dissimular o exercício de um poral ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do bo não se demoron em expor as vantagens de ordem temmoral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Diafísicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção a outro homem ângmico? e o sangue e os cabelos, partes mem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo há mulheres que venden os cabelos? não pode um homo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mester voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos acharam que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma-
entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele
tapava a cara para ir ás mesquitas. O Diabo deu com ele á
timas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que
teira, e, com o producto das drogas, soccorria os filhos das vi-
do Levante, que envenenara longamente uma geração in-
casos eram até incomprehensiveis, como o de um drogueista
mais directamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns
embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer
mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam
uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o
tuam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam,
ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário resti-
católico; muitos avaros davam esmolas, á noite, ou nas
quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito
Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou
mente, mas algumas, por partes, e, como digo, ás occultas.
tigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integral-
muitos dos seus fieis, ás escondidas, praticavam as an-
brados de triunfo.

Um dia, porém, longos annos depois notou o Diabo que
traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou
do globo que não a conhecesse, uma lingua que não a
ara-se; a douutrina propagava-se; não havia uma região
outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fund-
ham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as
puxadas pela franja, deitavam a capa ás urtigas e vin-

tradição humana.

Eram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna condão têm agora franjas de seda, como as de veludo tive-

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algonele, e disse-lhe:

triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pós os olhos no chão, como se quisesse recolher-se a si mesmo, não complacência; não o interrompeu, não o reprendeu, não ta de tão singular fenômeno. Deus ouvia-o com infinita cém, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreto de alguma coisa analoga ao passado. Voou de novo ao po de refletir, comparar e concluir do espetáculo presenNão se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presenalevosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro. lhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha ma das suas açães secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e, contudo não lhe devendasse nenhum caçoneço, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa tificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratersa na cama para não confessar que estava são. Pois esse tuas, bibliotecas, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a mepossuía uma bela casa na campanha romana, telas, estácinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. benedictino cita muitas outras descobertas extraordinárias, sente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de pre-

font
Crimson Pro

Do livro que omite suas vogais.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

C p t l

D m d m r f c

C nt m v lh m n scr t b n d t n q D b , m c rt d , t v d d f nd r m gr j . mb r s s l cr s f ss m c nt n s gr nd s, s nt -s h m lh d c m p p l v ls q x rc d sd s c l s, s m rg n z ç , s m r gr s, s m c n n s, s m r t l, s m n d . V v , p r ss m d z r, d s r m n sc nt s d v n s, d s d sc d s bs q s h m n s. N d f x , n d r g l r. P r q n t r l s gr j ? m gr j d D b r m f c z d c mb t r s tr s r l g s, d str -l s d m v z.

— V , p s, m gr j , c ncl l . scr t r c ntr scr t r , br v r c ntr br v r . T r m nh m ss , c m v nh p f rt , s m nh s pr d c s, b l s, n v n s t d d m s p r lh cl s st c . m cr d s r n cl n v rs l d s sp r t s, m nh gr j m t nd d br . d p s, nq nt s tr s r l g ss c mb t m s d v d m, m nh gr j s r n c ; n ch r d nt d m m, n m M m , n m L t r . H m t s m d s d f rm r; h s m d n g r t d .

D z nd st , D b s c d c b ç st nd s br ç s, c m m g st m gn f c v r n l. m s g d , l mbr -s d r t r c m D s p r c m n c r-lh d , d s f -l ; l v nt s lh s, c s s d d , sp r s d v ng nç , d ss c ns g : — V m s, t mp . r p d , b

t nd s s s,c mt l str nd q b l t d s spr v n-c s d b sm , rr nc d s mbr p r nf n t z l.

C p t l

ntr D s D b

D s r c lh m nc , q nd D b ch g c . s s r f ns q ngr n ld v m r c m-ch g d , d t v r m-s l g , D b d x -s st r ntr d c m s lh s n S nh r.

— Q m q r s t ? p rg nt st .

— N v nh p l v ss s rv F st , r sp nd D b r nd , m sp r t d s sF st s d s c l d ss c l s.

— xpl c -t .

— S nh r, xpl c ç f c l; m s p rm t q v s d g : r c lh pr m r ss b m v lh ; d -lh m lh r l g r, m nd q s m s f n d s c t r s l d s r c b m c m s m s d v n s c r s...

— S b s q l f z? p rg nt S nh r, c m s lh s ch s d d ç r .

— N , m s pr v v lm nt d s lt m s q v r t r c nv sc . N t rd m t q c f q s m lh nt m c s v z , p r c s d pr ç , q lt . V d f c r m h sp d r b r t ; m d sp l vr s, v f nd r m gr j . st c ns d d m nh d s rg n z ç , d m r n d c s l dv nt c . t mp d bt r v t r f n l c mpl t . nt v m d z r-v s st , c m l ld d ,

p r q m n c s s d d ss m l ç ... B d , n v s p r c ?

— V st d z -l , n l g t m -l , dv rt S nh r.

— T nd s r z , c d D b ; m s m r-pr pr g st d v r pl s d s m str s. V rd d q n st c s s r pl s d m m str v nc d , m t l x g nc ... S nh r, d sç t rr ; v l nç r m nh p dr f nd m nt l.

— V .

— Q r s q v nh n nc r-v s r m t d br ?

— N pr c s ; b st q m d g s d sd j p r q m t v , c ns d h t nt d t d s rg n z ç , s g r p ns st m f nd r m gr j .

D b s rr c m c rt r d sc rn tr nf . T nh lg m d cr l n sp r t , lg m r p r p c nt n lf rj d m m r , q lq r c s q , n ss br v ns-t nt d t rn d d , f z cr r s p r r pr pr D s. M s r c lh r s , d ss :

— S g r c ncl m bs rv ç , c m ç d d sd lg ns s c l s, q s v rt d s, f lh s d c , s m gr nd n m r c mp r v s r nh s, c j m nt d v l d r m t ss m fr nj s d lg d . r , pr p nh -m p x -l s p r ss fr nj , tr z l s t d s p r m nh gr j ; tr s d l s v r s d s d p r ...

— V lh r t r c ! m rm r S nh r.

— lh b m. M t s c rp s q j lh m s v ss s p s, n s t mpl s d m nd , tr z m s nq nh s d s l d r , s r st s t ng m-s d m sm p , s l nç s ch r m

s m sm s ch r s, s p p l s c nt lh m d c r s d d d v ç ntr l vr s nt b g d d p c d . V d r-d r, — nd f r nç , m n s, — c m q ss c v lh r p m l tr sp bl c s s b n f c s q l b r lm nt sp lh , — s j m r p s b t s, m d s, q sq r d ss sm t r sn c ss r s v d ... M s n q r p r c r q m d t nh m c s s m d s; n f l , p r x mpl , d pl c d z c m q st j z d rm nd d , n spr c ss s, c rr g p d s m nt p t v ss m r m c m n-d ... V n g c sm s lt s...

N st s s r f ns g t r m s s sp s d s d f st s n . M g l G br l f t r m n S nh r m lh r d s pl c . D s nt rr mp D b .

— T s v lg r, q p r q p d c nt c r m sp r t d t sp c , r pl c -lh S nh r. T d q d z s d g s st d t r d t p l s m r l st s d m n-d . ss nt g st ; s n t nsf rç , n m r g n l d d p r r n v r m ss nt g st , m lh r q t c l s t r t r s. lh ; t d s s m nh s l g s m str m n r st s s n s v v s d t d q lh s d s. ss m sm nc p r c nj d ; s b st q l f z?

— J v s d ss q n .

— D p s d m v d h n st , t v m m rt s bl m . C lh d m m n fr g , s lv r-s n m t b ; m s v m c s l d n v s, n fl r d v d , q s d b t m j c m m rt ; d -lh s t b d s lv ç m r-g lh n t rn d d . N nh m p bl c : g c p r c m . nd ch s fr nj d lg d ?

— S nh r, s , c m s b s, sp r t q n g .

— N g s st m rt ?

— N g t d . m s ntr p p d t m r sp ct d c r d d ; d x r v d s tr s, p r m m s ntr p , r lm nt b rr c -l s...

— R t r c s t l! xcl m S nh r. V , v , f nd t gr j ; ch m t d s sv rt d s, r c lh t d s sfr n- j s, c nv c t d s sh m ns... M s, v ! v !

D b ld D b t nt pr f r r lg m c s m s. D s mp s r -lh s l nc ; s s r f ns, m s n l d v n , nch r m c c m sh rm n s d s s c nt c s. D b s nt , d r p nt , q s ch v n r; d br s s s, , c m m r , c n t r r .

C p t l

b n v sh m ns

m v z n t r r , D b n p r d m m n t . D - s pr ss m nf r c g l b n d t n , c m h b t d b f m , ntr sp lh r m d tr n n v x- tr rd n r , c m m v z q r b v n s ntr nh s d s c l . l pr m t ss s d sc p l s f s s d l c s d t r r , t d s s gl r s, s d l t s m s nt m s. C n- f ss v q r D b ; m s c nf ss v - p r r t f c r n ç q sh m ns t nh m d l d sm nt r sh st r s q s r sp t c nt v m s v lh s b t s.

— S m, s D b , r p t l ; n D b d s n t s

s lf r s, d s c nt s s n f r s, t rr r d s cr nç s, m s D b v rd d r n c, pr pr g n d n t r z, q s d q l n m p r rr d -l d c r ç d s h m ns. V d -m g nt l r s. S v ss v rd d r p. V m s l: t m d q l n m, nv nt d p r m d sd r, f z d l m tr f m l b r, v s d r t d, t d, t d, t d, t d, t d ...

r ss m q f l v, pr nc p, p r xc t r nt s sm, sp rt r s nd f r nt s, c ngr g r, m s m, s m ltd s p d s. l s v r m; l g q v r m, D b p ss d f n r d tr n. d tr n r q p d s r n b c d m sp r t d n g ç. ss q nt s bst nc, p rq, c rc d f rm, r m sv z ss t l, tr s c n c d sl v d.

Cl m v l q s v rt d s c t s d v m s r s bs-tt d s p r tr s, q r m s n t r s l g t m s. s b rb, l x r, pr g ç f r m r b l t d s, ss m t mb m v r z, q d cl r n s r m s d q m d c n m, c m d f r nç q m r r b st, f lh m sg lg d. r t nh m lh r d f s n x st nc d H m r; s m f r r d q l s, n h v r *l d*: "M s, c nt c l r d q l s, f lh d P l ..." m sm d ss d g l, q pr d z sm lh r sp g n s d R b l s, m t s b ns v r s s d *H ss p*; v r t d t s p r r, q n ng m s l mbr d s b t lh s d L c l, m s d ss sc s; f g l q r lm nt f z m r t l. M s, nd p nd d l d ss s r z s d rd m l t r r h st r c, p r s m str r v l r ntr ns c d q

l v rt d , q m n g r q r m t m lh r s nt r n
b c n v ntr s b ns m nj r s, m gr nd c p , d
q s m s b c d s, s l v d j j m? P l s p rt
D b pr m t s bst t r v nh d S nh r, xpr ss
m t f r c , p l v nh d D b , l c ç d r t v rd
d r , p s n f lt r n nc s s s c m fr t d s
m s b l s c p s d m nd . Q nt nv j , pr g fr
m nt q r v rt d pr nc p l, r g m d pr pr d d s
nf n t s; v rt d pr c s , q ch g v s pr r t d s s
tr s, pr pr t l nt .

s t rb s c rr m tr s d l nt s sm d s. D b
nc t -lh s, gr nd s g lp s d l qü nc , t d n v
rd m d c s s, tr c nd n ç d l s, f z nd m r s
p rv rs s d t st r ss s.

N d m s c r s , p r x mpl , d q d f n ç q
l d v d fr d . Ch m v -lh br ç sq rd d h
m m; br ç d r t r f rç ; c ncl : M t s h m ns
s c nh t s, st d . r , l n x g q t d s f ss m
c nh t s; n r xcl s v st . Q ns f ss m c nh t s,
tr s d str s; c t v t d s, m n s s q n f ss m
n d . d m nstr ç , p r m, m s r g r s pr f nd ,
f d v n l d d . m c s st d t mp ch g c nf s-
s r q r m m n m nt d l g c . v n l d d , d ss
D b , r x rc c d m d r t s p r r t d s s d
r t s. S t p d s v nd r t c s , t b , t s p t ,
t ch p , c s s q s t s p r m r z j r d c
l g l, m s q , m t d c s , st f r d t, c m q n
p d s v nd r t p n , t v t , t p l v r , t

f, c s sq s m sd q t s, p rq s t pr pr c nsc nc , st , t m sm ? N g -l c r n bs rd n c ntr d t r . P sn h m lh r sq v nd m sc b l s? n p d m h m m v nd r m p rt d s s ng p r tr nsf nd -l tr h m m n m c ? s ng s c b l s, p rt s f s c s, t r m pr v l g q s n g c r t r, p rç m r l d h m m? D m nstr d ss m pr nc p , D b n s d m r m xp r s v nt g ns d rd m t mp r l p c n r ; d p s, m str n- d q , v st d pr c nc t s c l, c nv r d ss m l r x rc c d m d r t t l g t m , q r x rc r m sm t mp v n l d d h p cr s , st , m r c r d pl c d m nt .

d sc , s b , x m n v t d, r t f c v t d . st cl r q c mb t p rd d s nj r s tr s m x m s d br nd r c rd l d d . N pr b f rm lm n- t c l n gr t t, m s nd z x rc -l m d nt r tr b ç , p c n r , d tr sp c ; n s c s s, p r m, m q l f ss m xp ns mp r s d f rç m g n t v , n d m s, pr b r c b r n nh m s l r , p s q v l f z r p g r tr nsp r ç . T d s s f rm s d r sp t f r m c nd n d s p r l , c m l m nt s p ss v s d m c rt d c r s c l p ss l; s l- v , t d v , n c xc ç d nt r ss . M s ss m sm xc ç f l g l m n d , p l c ns d r ç d q n- t r ss , c nv rt nd r sp t m s mpl s d l ç , r st s nt m nt pl c d n q l .

P r r m t r br , nt nd D b q lh c m-

pr c rt r p r t d s l d r d d h m n . C m f t , m r d pr x m r m bst c l gr v n v nst t ç . l m str q ss r gr r m s mpl s nv nç d p r s t s n g c nt s ns lv v s; n s d v d r pr x m s n nd f r nç ; m lg ns c s s, d d s- pr z . Ch g m sm d m nstr ç d q n ç d pr x m r rr d , c t v st fr s d m p dr d N p l s, q l f n l tr d G l n , q scr v m d s m rq s s d nt g r g m : “L v br c pr x m ! N h pr x m !” n c h p t s mq l p rmt m r pr x m r q nd s tr t ss d m r s d m s lh s, p rq ss sp c d m r t nh p rt c l r d d d n s r tr c s m s d q m r d nd v d s m s- m . c m lg ns d sc p l s ch ss m q m t l xpl c ç , p r m t f s c , sc p v c mpr ns d s t rb s, D b r c rr m p l g : — C m p ss s t m m ç s d m b nc , p r s p r ç s c m ns; m s c d c n st n c d r lm nt s n n s s s d v d nd s: q c nt c s d lt r s. st p l g f ncl d n l vr d s b d r .

C p t l V

Fr nj s fr nj s

pr v s d D b v r f c -s . T d s s v r t d s c j c p d v l d c b v m fr nj d lg d , m v z p x d s p l fr nj , d t v m c p s rt g s v n-

h m l st r-s n gr j n v . tr s f r m ch g nd s tr s, t mp b nç nst t ç . gr j f nd r -s ; d tr n pr p g v -s ; n h v m r g d gl b q n c nh c ss , m l ng q n tr d z ss , m r ç q n m ss . D b lç br d s d tr nf .

m d , p r m, l ng s n s d p s n t D b q m t s d s s s f s, s sc nd d s, pr t c v m s n-t g s v rt d s. N s pr t c v m t d s, n m nt gr l-m nt , m s lg m s, p r p rt s, , c m d g , s c lt s. C rt s gl t s r c lh m-s c m r fr g lm nt tr s q tr v z s p r n , j st m nt m d s d pr c t c t l c ; m t s v r s d v m sm l s, n t , n s r s m l p v d s; v r s d l p d d r s d r r r st t m--lh p q n s q nt s; s fr d l nt s f l v m, m tr v z, c m c r ç n s m s, m s c m m sm r s-t d ss m l d , p r f z r cr r q st v m mb ç nd s tr s.

d sc b rt ss mbr D b . M t -s c nh c r m s d r t m nt m l, v q l vr v m t . lg ns c s s r m t nc mpr ns v s, c m d m dr g st d L v nt , q nv n n r l ng m nt m g r ç nt r , , c m pr d t d s dr g s, s c rr s f lh s d s v t m s. N C r ch m p rf t l dr d c m l s, q t p v c r p r r s m sq t s. D b d c m l ntr d d m , l nç -lh m r st pr c d m nt ; l n g , d z nd q l r b r c m l d m dr g m n ; r b - , c m f t , v st d D b f d -l d pr s nt m m z m,

q r z p r l l . m n scr t b n d t n c t m t s tr s d sc b rt s xtr rd n r s, ntr l s st , q d s r nt c mpl t m nt D b . m d ss s m lh r s p st l s r m c l br s, v r d c nqü nt n s, ns g- n f lsf c d r d d c m nt s, q p ss m b l c s n c mp nh r m n , t l s, st t s, b bl t c , tc. r fr d mp ss ; ch g v m t rs n c m p r n c n- f ss rq st v s . P s ss h m m, n s n f rt v j g , c m nd d v gr t f c ç s s cr d s. T nd n- g r d m z d d m c n g , t d s s s m n s c n- f ss r-s c m l , n m c p l s l t r ; , c nq nt n lh d sv nd ss n nh m d s s s ç s s cr t s, b nz -s d s v z s, j lh r-s , l v nt r-s . D b m l p d cr r t m nh l v s . M s n h v q d v d r; c s r v rd d r .

N s d t v m nst nt . p sm n lh d t mp d r fl t r, c mp r r c ncl r d sp t c l pr s nt l- g m c s n l g p ss d . V d n v c , tr m l d r v , ns s d c nh c r c s s cr t d t s ng l r f n m n . D s v - c m nf n t c mpl c nc ; n nt rr mp , n r pr nd , n tr nf , s q r, d q l g n s t n c . P s s lh s n l , d s- s -lh :

— Q q r s t , m p br D b ? s c p s d lg d t m g r fr nj s d s d , c m s d v l d t v r m fr nj s d lg d . Q q r s t ? t rn c ntr d ç h m n .

f nt
Cr ms n Pr

Do livro quando torcido.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. *Escritura contra* [illegible] breviário contra breviário. *Terei a minha mis-* [illegible] as minhas prédicas [illegible]

[illegible] enquanto as outras [illegible] se combatem e se dividem, a minha igreja será única, não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou
todas as princípios do abismo, arrancou do sombrio, para
luz atinda-lo.

:

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu.

Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detive-*ram-se logo, e o* Diabo deixou-se estar à entrada com os *olhos no Senhor.*

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas *permiti que vos* diga: recolhei primeiro esse bom velho; *dai-lhe o melhor* lugar, mandai que as mais afinadas *cítaras e alaúdes o* recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou *o Senhor, com os* olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente *é dos últimos que virão ter* convosco. Não tarda muito que *o céu fique semelhante a* uma casa vazia, por causa do *preço, que é alto. Vou edi-*ficar uma hospedaria barata; *em duas palavras, vou fun-*dar uma igreja. Estou cansado da *minha desorganização* do meu reinado casual e adventício. *É tempo de obter a*

E então vim dizer
não acuseis de dissim

legitimá-la, advertiu
diu o Diabo; mas o
o dos mestres. Verdade
de um mestre vencido
desço à terra; vou lançar a

venha anunciar-vos o remate d
o: basta que me digas desde já
há tanto da tua desorganização,
fundar uma igreja.
com certo ar de escárnio e triun
cruel no espírito, algum reparo
mória, qualquer coisa que, nesse
idade, o fazia crer superior ao
o riso, e disse:
uma observação, come
que as virtudes, filhas do
paráveis a rainhas, cuj
franjas de algodão. O
essa franja, e trazel
virão as de seda p
murou o Senhor.
corpos que ajoelh
do, trazem as an

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de tanto e *sono. Miguel* e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que *pode acontecer a um* espírito da tua espécie, replicou-*lhe o Senhor. Tudo o que* disseres ou digas está dito e redito *pelos moralistas de*

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

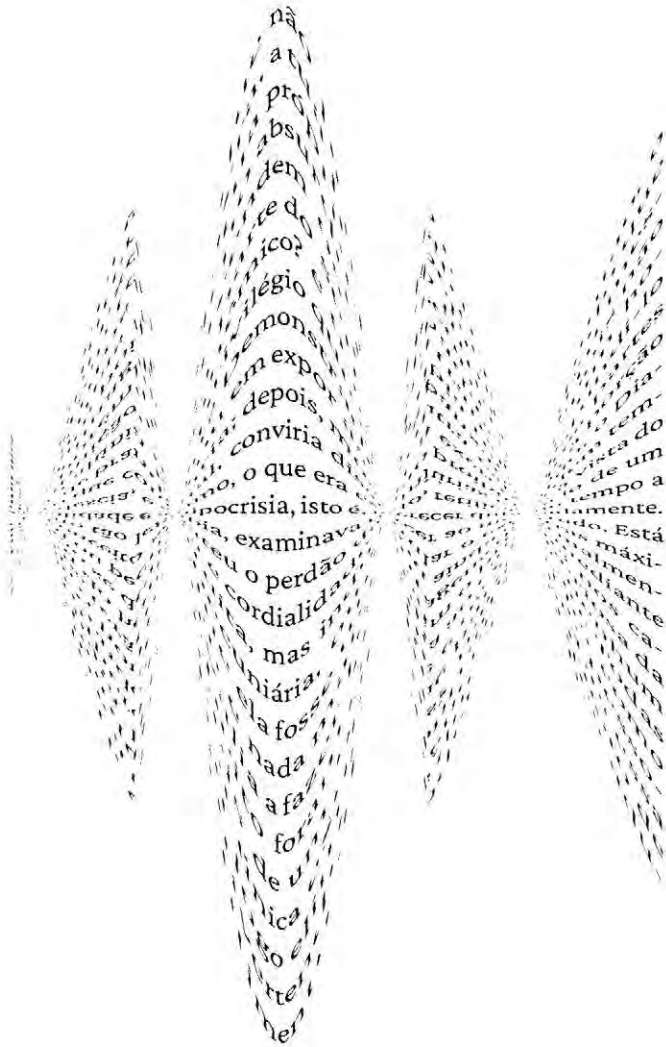
Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar
as perversas e detestar as sãs.



[illegible] a obra, entendeu o Diabo que lhe cum-
[illegible] por toda a solidariedade humana. Com efei-
[illegible] do próximo era um obstáculo grave à nova
[illegible] Ele mostrou que essa regra era uma simples
[illegible] e negociantes insolváveis, não
[illegible] como senão indiferença; em [illegible]
[illegible] Diabo mesmo à [illegible]

[illegible] das marquesas do antigo regime [illegible]
[illegible] o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em
que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse
de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor
tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que
o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípu-
los achassem que uma tal explicação, *por metafísica*, es-
[illegible] a compreensão das turbas, o *Diabo recorreu a um*
[illegible] pessoas tomam ações de um banco, para

[illegible] do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja
[illegible] velhudo acabava em franja de algodão, uma vez

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando os outros, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. [illegible] Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente [illegible] vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à [illegible]

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito benedictino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinquenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha sandeivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna condição humana.

Crimson Pro
Lora

Do livro cuja frente espia o verso.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Diário de

Sinto-me [illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

e de sua mulher, vendendo o que tinham e saindo a esmolar pelo
caminho. Ao cabo de muitos anos, encontraram-se em Roma, onde
ambos se achavam, e, não se conhecendo, contaram um ao outro
as suas desventuras. Ouvindo-o, Pedro Diniz reconheceu logo
que aquele era seu pai, e, abraçando-o, disse-lhe:

— Meu pai, eu sou Pedro Diniz, vosso filho!

Ao ouvir estas palavras, o velho Diniz, que era cego, pôs-se a
apalpar o rosto do filho, e, reconhecendo-o, exclamou:

— Meu filho, tu és mesmo! Graças a Deus, que me deixou ver-te
antes de morrer!

Pedro Diniz, depois de ter dado a sua bênção ao pai, pediu-lhe
que o acompanhasse à sua terra, onde ele o trataria com todo o
carinho, ao que o velho respondeu:

— Não, meu filho, não posso ir contigo, porque, se o fizer, não
terei quem me dê de comer, pois, como vês, sou cego e não posso
trabalhar.

Pedro Diniz, porém, insistiu tanto com o pai, que este acabou
por aceitar o convite, e, tomando-o pela mão, levou-o consigo
para a sua terra.

Ao chegar, Pedro Diniz mandou preparar um grande banquete,
a que convidou todos os seus amigos e parentes, e, depois de
todos estarem reunidos, disse-lhes:

— Meus amigos e parentes, eu convidei-vos para este banquete
para vos apresentar o meu pai, que eu julgava morto, mas que
Deus, na sua misericórdia, quis que ainda estivesse vivo.

Todos os convidados ficaram muito admirados ao ouvir estas
palavras, e, depois de o velho Diniz ter contado a sua história,
todos lhe deram muitos parabéns por ter encontrado o pai.

o ar' nos a soiçnu ser ,sesuoq ,sesuoq ,sesuoq

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur. Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum.

Sed ut perspiciatis unde omnis iste natus error sit voluptatem accusantium doloremque laudantium, totam rem aperiam, eaque ipsa quae ab illo inventore veritatis et quasi architecto beatae vitae dicta sunt explicabo. Nemo enim ipsam voluptatem quia voluptas sit aspernatur aut odit aut fugit, sed quia consequuntur magni dolores eos qui ratione voluptatem sequi nesciunt. Neque porro quisquam est, qui dolorem ipsum quia dolor sit amet, consectetur, adipisci velit, sed quia non numquam eius modi tempora incidunt ut labore et dolore magnam aliquam quaerat voluptatem.

Ut enim ad minima veniam, quis nostrum exercitationem ullam corporis suscipit laboriosam, nisi ut aliquid ex ea commodi consequatur? Quis autem vel eum iure reprehenderit qui in ea voluptate velit esse quam nihil molestiae consequatur, vel illum qui dolorem eum fugiat quo voluptas nulla pariatur?

Lorem ipsum dolor sit amet

- Consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua.
- Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat.
- Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur.
- Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum.

Sed ut perspiciatis unde omnis iste natus error sit voluptatem accusantium doloremque laudantium, totam rem aperiam, eaque ipsa quae ab illo inventore veritatis et quasi architecto beatae vitae dicta sunt explicabo. Nemo enim ipsam voluptatem quia voluptas sit aspernatur aut odit aut fugit, sed quia consequuntur magni dolores eos qui ratione voluptatem sequi nesciunt. Neque porro quisquam est, qui dolorem ipsum quia dolor sit amet, consectetur, adipisci velit, sed quia non numquam eius modi tempora incidunt ut labore et dolore magnam aliquam quaerat voluptatem.

Ut enim ad minima veniam, quis nostrum exercitationem ullam corporis suscipit laboriosam, nisi ut aliquid ex ea commodi consequatur? Quis autem vel eum iure reprehenderit qui in ea voluptate velit esse quam nihil molestiae consequatur, vel illum qui dolorem eum fugiat quo voluptas nulla pariatur?

ﻟﻠﻤﺴﺘﺨﺪﻡ ﺍﻟﻨﻬﺎﺋﻲ. ﻭﻳﺘﻢ ﺗﺤﺪﻳﺪ ﺍﻟﺴﻌﺮ ﺍﻟﻨﻬﺎﺋﻲ ﻟﻠﻤﺴﺘﻬﻠﻚ ﺑﺈﺿﺎﻓﺔ ﺍﻟﻀﺮﻳﺒﺔ ﺍﻟﻤﻘﺮﺭﺓ ﻭﺍﻟﺮﺳﻮﻡ ﺍﻟﺠﻤﺮﻛﻴﺔ ﺇﻥ ﻭﺟﺪﺕ ﻭﺍﻟﺘﻲ ﻳﺘﺤﻤﻠﻬﺎ ﺍﻟﻤﺴﺘﻬﻠﻚ ﺍﻟﻨﻬﺎﺋﻲ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻘﻮﺍﻧﻴﻦ ﻭﺍﻷﻧﻈﻤﺔ ﺍﻟﻤﻌﻤﻮﻝ ﺑﻬﺎ ﻓﻲ ﺍﻟﺒﻠﺪ ﺍﻟﺘﻲ ﻳﺘﻢ ﻓﻴﻬﺎ ﺍﻟﺒﻴﻊ ﻟﻠﻤﺴﺘﻬﻠﻚ ﺍﻟﻨﻬﺎﺋﻲ.

٤. ﺍﻟﺘﺴﻠﻴﻢ ﻭﺍﻟﻤﺨﺎﻃﺮ: ﻳﺘﻢ ﺗﺴﻠﻴﻢ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻟﻠﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﻤﺠﺮﺩ ﺗﺴﻠﻴﻤﻬﺎ ﻟﻠﻨﺎﻗﻞ ﺍﻷﻭﻝ ﺍﻟﻤﺘﻌﺎﻗﺪ ﻣﻌﻪ ﻟﻠﺸﺤﻦ ﻟﺼﺎﻟﺢ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ، ﻭﻳﻨﺘﻘﻞ ﻣﻦ ﺧﻼﻝ ﻫﺬﺍ ﺍﻟﺘﺴﻠﻴﻢ ﺍﻟﺨﻄﺮ ﻭﺍﻟﻤﺴﺆﻭﻟﻴﺔ ﻋﻦ ﺍﻟﻔﻘﺪ ﺃﻭ ﺍﻟﺘﻠﻒ ﺃﻭ ﺍﻟﺴﺮﻗﺔ ﺃﻭ ﺍﻟﻀﺮﺭ ﺍﻟﺬﻱ ﻗﺪ ﻳﻄﺮﺃ ﻋﻠﻰ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺑﻌﺪ ﻫﺬﺍ ﺍﻟﺘﺴﻠﻴﻢ. ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﻭﺣﺪﻩ ﻣﺴﺆﻭﻟﻴﺔ ﺍﻟﺘﺄﻣﻴﻦ ﻋﻠﻰ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺍﻋﺘﺒﺎﺭًﺍ ﻣﻦ ﺗﺎﺭﻳﺦ ﺗﺴﻠﻴﻤﻬﺎ ﻟﻠﻨﺎﻗﻞ ﺍﻷﻭﻝ، ﻭﻳﻠﺘﺰﻡ ﺑﺘﻐﻄﻴﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺑﺘﺄﻣﻴﻦ ﻛﺎﻑٍ ﻳﻐﻄﻲ ﻛﺎﻓﺔ ﺍﻟﻤﺨﺎﻃﺮ ﺍﻟﻤﺤﺘﻤﻠﺔ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ.

٥. ﺍﻟﺘﺨﻠﻴﺺ ﺍﻟﺠﻤﺮﻛﻲ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺄﻥ ﺗﻜﻮﻥ ﺟﻤﻴﻊ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺍﻟﻤﺴﺘﻮﺭﺩﺓ ﻣﺼﺤﻮﺑﺔ ﺑﺠﻤﻴﻊ ﺍﻟﺘﺮﺍﺧﻴﺺ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ ﺍﻟﻼﺯﻣﺔ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻘﻮﺍﻧﻴﻦ ﺍﻟﻤﻌﻤﻮﻝ ﺑﻬﺎ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻤﻨﺸﺄ ﻭﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﻭﺣﺪﻩ ﺃﻱ ﺭﺳﻮﻡ ﺃﻭ ﻏﺮﺍﻣﺎﺕ ﺗﺄﺧﻴﺮ ﻳﺘﺮﺗﺐ ﻋﻠﻰ ﻋﺪﻡ ﺍﻟﺘﺰﺍﻣﻪ ﺑﻬﺬﺍ ﺍﻟﺒﻨﺪ.

٦. ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﻭﺍﻟﻮﺳﻢ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﻭﺳﻤﻬﺎ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻤﻮﺍﺻﻔﺎﺕ ﺍﻟﻔﻨﻴﺔ ﺍﻟﻤﺘﻔﻖ ﻋﻠﻴﻬﺎ ﻭﻟﻠﻤﺘﻄﻠﺒﺎﺕ ﺍﻟﻘﺎﻧﻮﻧﻴﺔ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

٧. ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻌﺒﺌﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﺗﻐﻠﻴﻔﻬﺎ ﺑﻄﺮﻳﻘﺔ ﺗﻀﻤﻦ ﺳﻼﻣﺘﻬﺎ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

٨. ﺍﻟﺘﺄﻣﻴﻦ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻄﻴﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺑﺘﺄﻣﻴﻦ ﻛﺎﻑٍ ﻳﻐﻄﻲ ﻛﺎﻓﺔ ﺍﻟﻤﺨﺎﻃﺮ ﺍﻟﻤﺤﺘﻤﻠﺔ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ.

٩. ﺍﻟﺘﺨﻠﻴﺺ ﺍﻟﺠﻤﺮﻛﻲ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺄﻥ ﺗﻜﻮﻥ ﺟﻤﻴﻊ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺍﻟﻤﺴﺘﻮﺭﺩﺓ ﻣﺼﺤﻮﺑﺔ ﺑﺠﻤﻴﻊ ﺍﻟﺘﺮﺍﺧﻴﺺ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ ﺍﻟﻼﺯﻣﺔ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻘﻮﺍﻧﻴﻦ ﺍﻟﻤﻌﻤﻮﻝ ﺑﻬﺎ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻤﻨﺸﺄ ﻭﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﻭﺣﺪﻩ ﺃﻱ ﺭﺳﻮﻡ ﺃﻭ ﻏﺮﺍﻣﺎﺕ ﺗﺄﺧﻴﺮ ﻳﺘﺮﺗﺐ ﻋﻠﻰ ﻋﺪﻡ ﺍﻟﺘﺰﺍﻣﻪ ﺑﻬﺬﺍ ﺍﻟﺒﻨﺪ.

١٠. ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﻭﺍﻟﻮﺳﻢ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﻭﺳﻤﻬﺎ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻤﻮﺍﺻﻔﺎﺕ ﺍﻟﻔﻨﻴﺔ ﺍﻟﻤﺘﻔﻖ ﻋﻠﻴﻬﺎ ﻭﻟﻠﻤﺘﻄﻠﺒﺎﺕ ﺍﻟﻘﺎﻧﻮﻧﻴﺔ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

١١. ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻌﺒﺌﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﺗﻐﻠﻴﻔﻬﺎ ﺑﻄﺮﻳﻘﺔ ﺗﻀﻤﻦ ﺳﻼﻣﺘﻬﺎ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

١٢. ﺍﻟﺘﺄﻣﻴﻦ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻄﻴﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺑﺘﺄﻣﻴﻦ ﻛﺎﻑٍ ﻳﻐﻄﻲ ﻛﺎﻓﺔ ﺍﻟﻤﺨﺎﻃﺮ ﺍﻟﻤﺤﺘﻤﻠﺔ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ.

١٣. ﺍﻟﺘﺨﻠﻴﺺ ﺍﻟﺠﻤﺮﻛﻲ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺄﻥ ﺗﻜﻮﻥ ﺟﻤﻴﻊ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺍﻟﻤﺴﺘﻮﺭﺩﺓ ﻣﺼﺤﻮﺑﺔ ﺑﺠﻤﻴﻊ ﺍﻟﺘﺮﺍﺧﻴﺺ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ ﺍﻟﻼﺯﻣﺔ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻘﻮﺍﻧﻴﻦ ﺍﻟﻤﻌﻤﻮﻝ ﺑﻬﺎ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻤﻨﺸﺄ ﻭﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﻭﺣﺪﻩ ﺃﻱ ﺭﺳﻮﻡ ﺃﻭ ﻏﺮﺍﻣﺎﺕ ﺗﺄﺧﻴﺮ ﻳﺘﺮﺗﺐ ﻋﻠﻰ ﻋﺪﻡ ﺍﻟﺘﺰﺍﻣﻪ ﺑﻬﺬﺍ ﺍﻟﺒﻨﺪ.

١٤. ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﻭﺍﻟﻮﺳﻢ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﻭﺳﻤﻬﺎ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻤﻮﺍﺻﻔﺎﺕ ﺍﻟﻔﻨﻴﺔ ﺍﻟﻤﺘﻔﻖ ﻋﻠﻴﻬﺎ ﻭﻟﻠﻤﺘﻄﻠﺒﺎﺕ ﺍﻟﻘﺎﻧﻮﻧﻴﺔ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

١٥. ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻌﺒﺌﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﺗﻐﻠﻴﻔﻬﺎ ﺑﻄﺮﻳﻘﺔ ﺗﻀﻤﻦ ﺳﻼﻣﺘﻬﺎ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

١٦. ﺍﻟﺘﺄﻣﻴﻦ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻄﻴﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺑﺘﺄﻣﻴﻦ ﻛﺎﻑٍ ﻳﻐﻄﻲ ﻛﺎﻓﺔ ﺍﻟﻤﺨﺎﻃﺮ ﺍﻟﻤﺤﺘﻤﻠﺔ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ.

١٧. ﺍﻟﺘﺨﻠﻴﺺ ﺍﻟﺠﻤﺮﻛﻲ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺄﻥ ﺗﻜﻮﻥ ﺟﻤﻴﻊ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺍﻟﻤﺴﺘﻮﺭﺩﺓ ﻣﺼﺤﻮﺑﺔ ﺑﺠﻤﻴﻊ ﺍﻟﺘﺮﺍﺧﻴﺺ ﻭﺍﻟﻤﻮﺍﻓﻘﺎﺕ ﺍﻟﻼﺯﻣﺔ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻘﻮﺍﻧﻴﻦ ﺍﻟﻤﻌﻤﻮﻝ ﺑﻬﺎ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻤﻨﺸﺄ ﻭﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﻭﺣﺪﻩ ﺃﻱ ﺭﺳﻮﻡ ﺃﻭ ﻏﺮﺍﻣﺎﺕ ﺗﺄﺧﻴﺮ ﻳﺘﺮﺗﺐ ﻋﻠﻰ ﻋﺪﻡ ﺍﻟﺘﺰﺍﻣﻪ ﺑﻬﺬﺍ ﺍﻟﺒﻨﺪ.

١٨. ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﻭﺍﻟﻮﺳﻢ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﻭﺳﻤﻬﺎ ﻭﻓﻘﺎً ﻟﻠﻤﻮﺍﺻﻔﺎﺕ ﺍﻟﻔﻨﻴﺔ ﺍﻟﻤﺘﻔﻖ ﻋﻠﻴﻬﺎ ﻭﻟﻠﻤﺘﻄﻠﺒﺎﺕ ﺍﻟﻘﺎﻧﻮﻧﻴﺔ ﻓﻲ ﺑﻠﺪ ﺍﻟﻮﺟﻬﺔ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

١٩. ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻌﺒﺌﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﻭﺗﻐﻠﻴﻔﻬﺎ ﺑﻄﺮﻳﻘﺔ ﺗﻀﻤﻦ ﺳﻼﻣﺘﻬﺎ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ، ﻭﻳﺘﺤﻤﻞ ﺗﻜﺎﻟﻴﻒ ﺍﻟﺘﻌﺒﺌﺔ ﻭﺍﻟﺘﻐﻠﻴﻒ ﺍﻟﺨﺎﺹ ﺑﻪ ﻣﺎ ﻟﻢ ﻳﻨﺺ ﺍﻟﻌﻘﺪ ﺍﻟﻤﺒﺮﻡ ﻋﻠﻰ ﺧﻼﻑ ﺫﻟﻚ.

٢٠. ﺍﻟﺘﺄﻣﻴﻦ: ﻳﺘﻌﻬﺪ ﺍﻟﻤﺸﺘﺮﻱ ﺑﺘﻐﻄﻴﺔ ﺍﻟﺒﻀﺎﺋﻊ ﺑﺘﺄﻣﻴﻦ ﻛﺎﻑٍ ﻳﻐﻄﻲ ﻛﺎﻓﺔ ﺍﻟﻤﺨﺎﻃﺮ ﺍﻟﻤﺤﺘﻤﻠﺔ ﺃﺛﻨﺎﺀ ﺍﻟﻨﻘﻞ ﻭﺍﻟﺘﺨﺰﻳﻦ.

o bem do mundo e [illegible] o [illegible] o
[illegible] o [illegible] o [illegible] o [illegible] o
[illegible] o [illegible] o [illegible] o [illegible] o
[illegible] o [illegible] o

ensaio sobre a lucidez

Se, como diz Saramago, "a cegueira consiste em ver as coisas sem prestar atenção nelas", a lucidez é o oposto disso: é o momento em que a atenção se torna tão aguda que o mundo inteiro parece estar gritando por socorro. Não é uma iluminação mística nem um despertar espiritual. É, muitas vezes, o resultado de uma sobrecarga sensorial que ultrapassa o limite do suportável. Um dia, sem aviso, você percebe que não consegue mais ignorar o barulho do ventilador, a textura da parede, o cheiro do café requentado ou a forma como as pessoas mastigam. Tudo ganha nitidez ao mesmo tempo, e o cérebro, que normalmente filtra 99% do que recebe, simplesmente desiste de trabalhar.

Foi assim comigo numa terça-feira qualquer, enquanto esperava o ônibus. Não havia nada de extraordinário acontecendo — apenas uma fila, um celular tocando ao longe e o sol batendo de um ângulo específico no vidro de um prédio. De repente, tudo isso se tornou insuportável. Não de forma dramática, mas como se alguém tivesse aumentado o volume de todas as coisas ao mesmo tempo e eu não encontrasse o botão de desligar. Precisei descer do ônibus antes do meu ponto e caminhar sozinho por quinze minutos para recuperar o fôlego.

Esse episódio me ensinou algo que demorei a entender: a lucidez não é um dom nem um prêmio. É, muitas vezes, o efeito colateral de uma mente que se recusa a anestesiar a dor do mundo para poder seguir em frente. Quem vive em estado de alerta constante — seja por trauma, por ansiedade crônica ou por uma sensibilidade fora do comum — aprende cedo que a normalidade é uma ficção confortável. E que romper com ela dói.

Neste ensaio, quero explorar esse território com honestidade e sem romantizar o sofrimento. Vou falar sobre o que é a lucidez, de onde ela vem, por que ela pode ser tão exaustiva e, principalmente, sobre o que fazer quando você percebe que não consegue mais voltar atrás. Porque, depois de certo ponto, o problema não é mais como ver o mundo com clareza — é como sobreviver a ele.

ما يحتاجه من أجل الحياة. وهذه الحاجة تتطلب منه أن يتعامل مع الآخرين ويتواصل معهم. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى العمل والإنتاج. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى التعلم والتطور. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى البحث عن المعرفة والحكمة. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى الإبداع والابتكار. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى الحرية والاستقلال. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى السعادة والرضا. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى الله.

٥ ـ تعريف الحاجة

الحاجة هي ما يحتاجه الإنسان من أجل الحياة. وهذه الحاجة تتطلب منه أن يتعامل مع الآخرين ويتواصل معهم. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى العمل والإنتاج. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى التعلم والتطور. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى البحث عن المعرفة والحكمة. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى الإبداع والابتكار. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى الحرية والاستقلال. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى السعادة والرضا. وهذه الحاجة هي التي تدفعه إلى الله.

- Re operação ea.

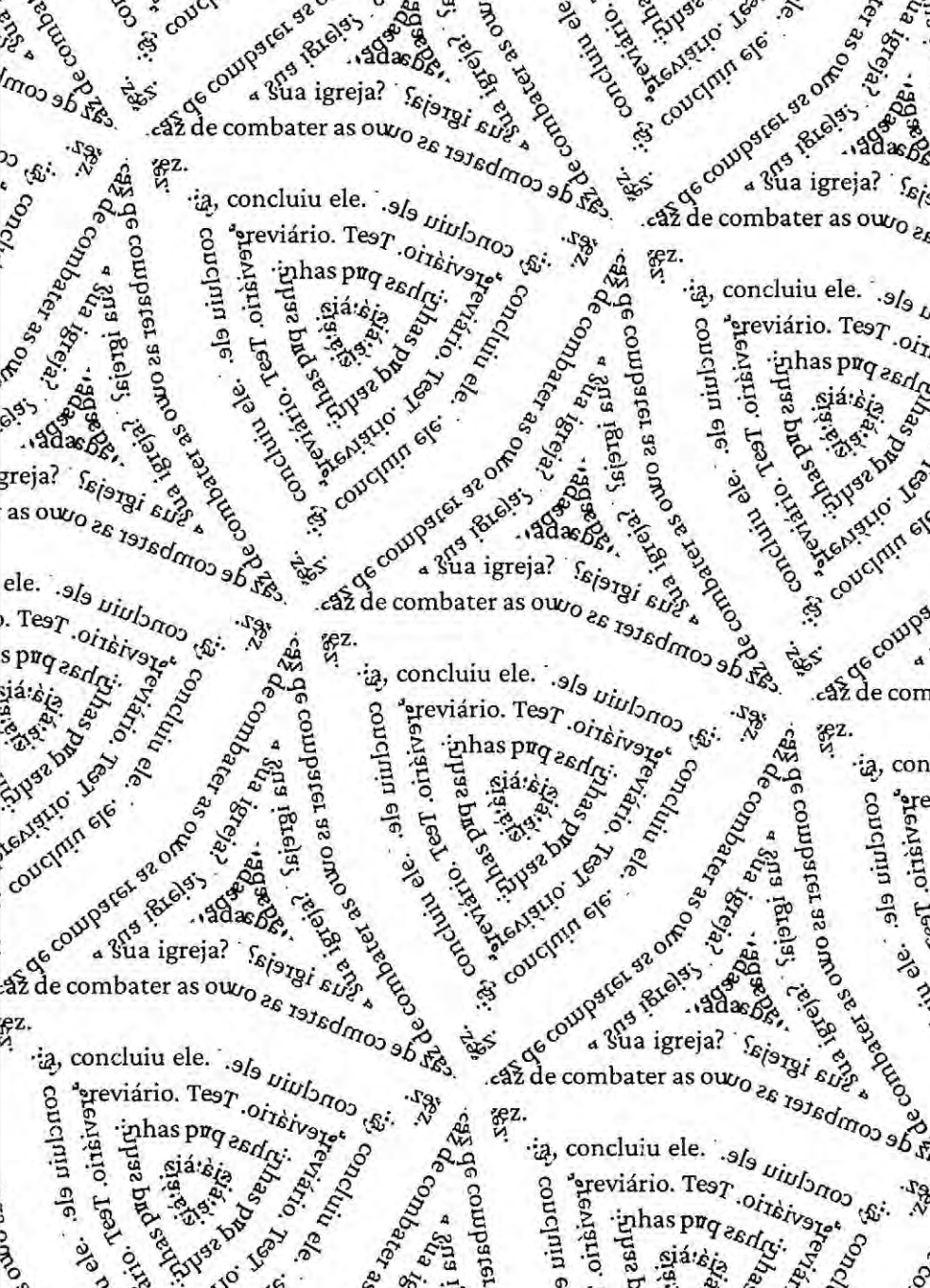
e de seu o nos, que

sua vez de ir à janela. Como ele não se mexia, ela o cutucou com o cotovelo e ele resmungou alguma coisa. Ela o cutucou de novo e ele se virou de costas, abriu os olhos e a encarou. Ela sorriu e ele sorriu de volta. Ela se inclinou e o beijou. Ele a beijou também. Ela se afastou e ele a puxou para si. Ela se deitou em cima dele e ficaram se beijando por um bom tempo. Depois ela se levantou e foi até a janela. Ele se levantou e foi até a janela também. Ela se afastou da janela e ele se afastou da janela também. Ela se sentou na cama e ele se sentou na cama também. Ela se deitou na cama e ele se deitou na cama também.

Do livro quando lido por um caleidoscópio.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis



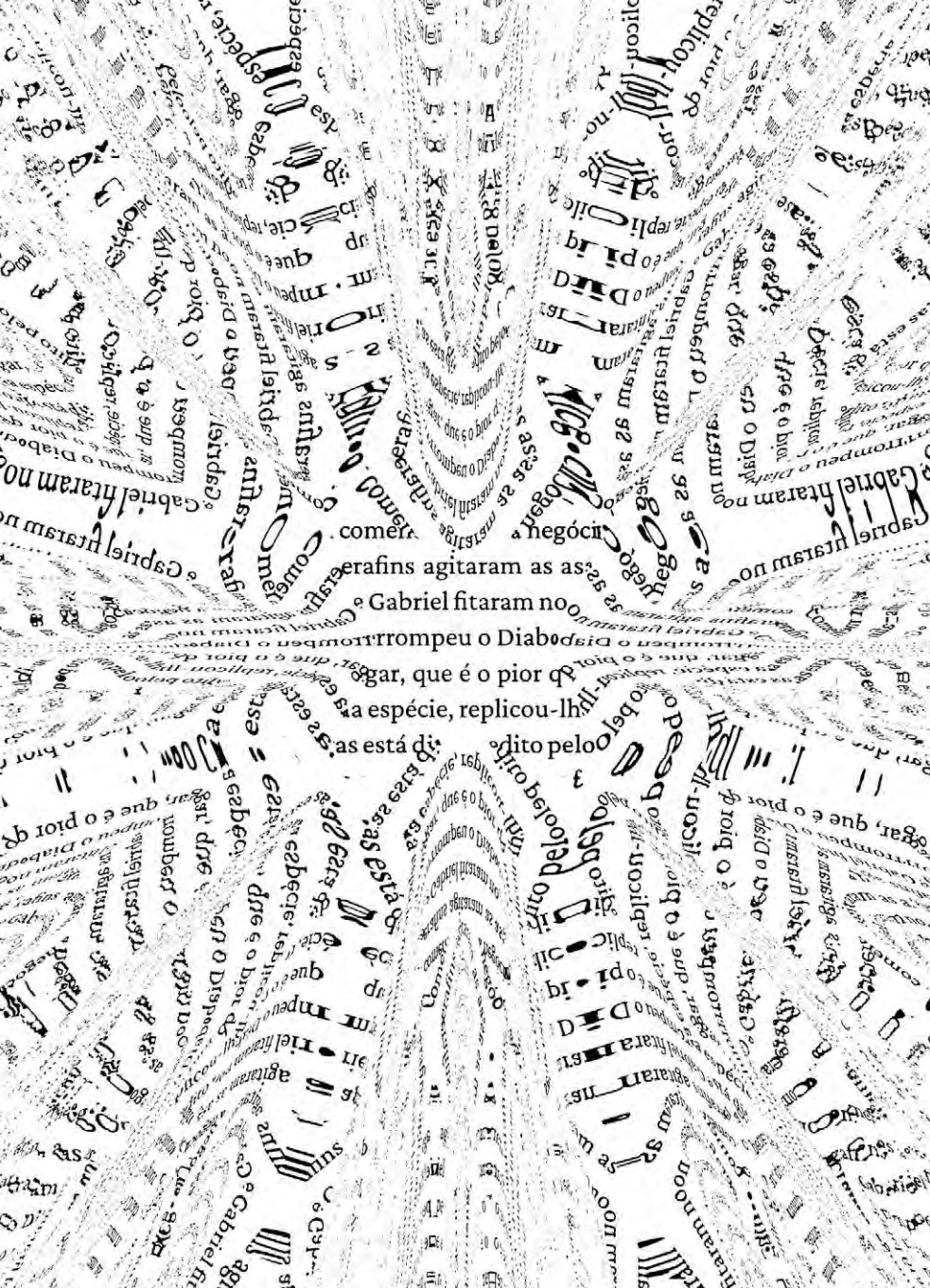
e queres tu? pergun

ho pelo vosso servo F

or todos os Faustos

plicaçã

deixo



O gasto; e se não tens forç

um assunto a

digas está dito e redito pelos

Tu és vulgar, que é o pior que pode

o da tua espécie, replicou-lhe o Se

Deus interrompeu o Diabo.

Miguel e Gabriel fitaram no Senhor

os serafins agitaram as asas pe

ma comenda... Vou a negócio

ocissões, carrega piedos

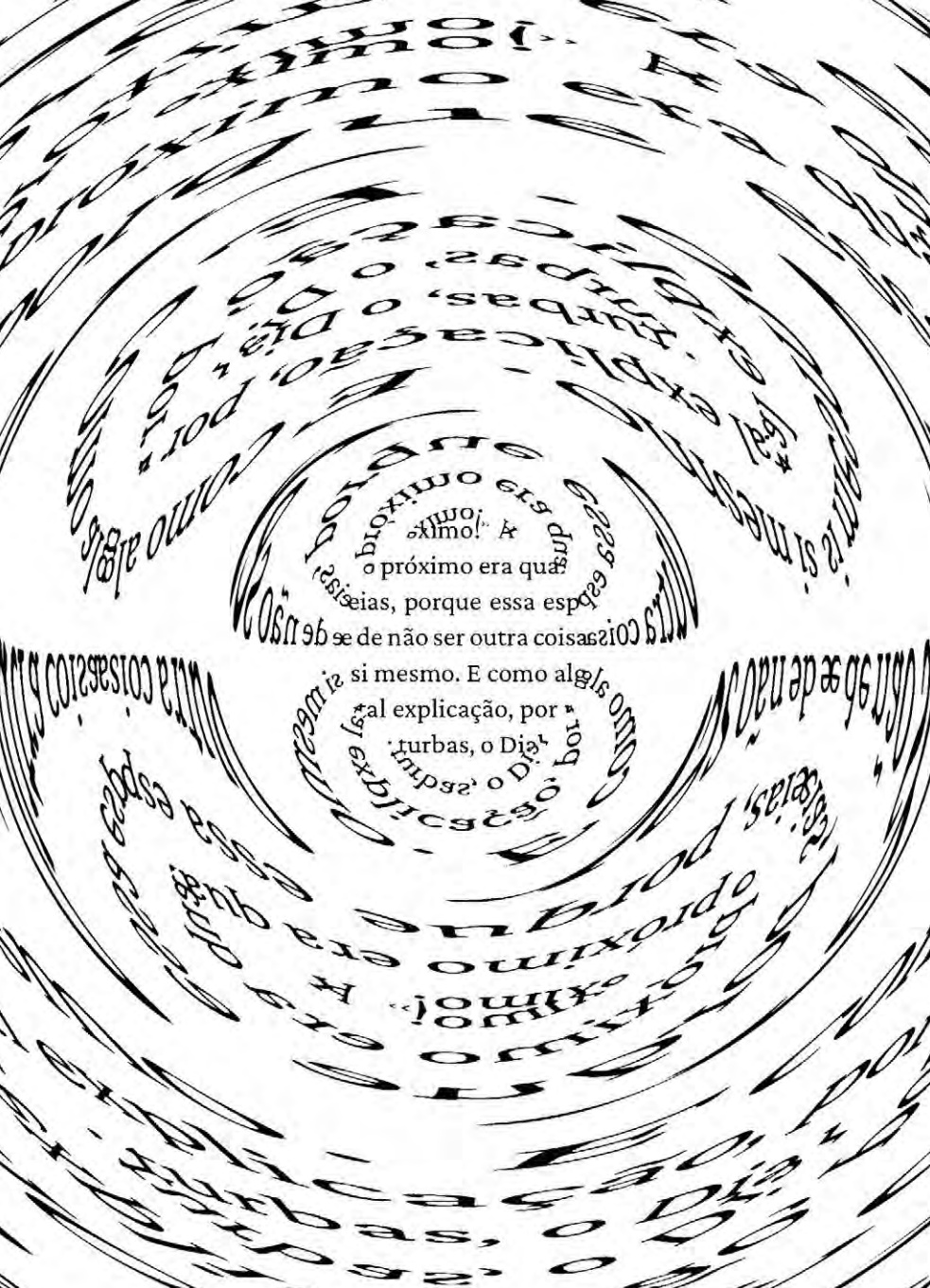
ez com

chegavam
origírio
tor

As turbas incutia-lhe ordem de coisas as perversas e de

Nada mais curioso ele dava da fraude. Cada mem; o braço direito era mens são canhotos, eis tudo fossem canhotos; não era canhotos, outros destros; aceitas

fossem nada. A demonstração e da venalidade. Um mu



explicação,
imo!" A, A
oximo era qp
porque essa
ão ser outra
esmo. E co
explicação,
turbas, o D
am aç

nte. O p
nclu
ariado
nfessar-se
ariado a am
nas confessar-
nto não lhe des
, benzia-se
o Diabo ma
que duvidar;
stante. O p
conclu
ariado a am
nfessar-se
nto não lhe des
cretas, benzia-se duas
o Diabo mal pôde crer
que duvidar; o caso era
não l
semanas confessa
uanto não lhe de
benzia-se duas
bo mal pôde crer
r; o caso era
nquanto não
cretas, benzia-se duas
o Diabo mal pôde crer
que duvidar; o caso era
não l
semanas confessar-se
conquanto não lhe des
cretas, benzia-se duas
Diabo mal pôde cr
ariado a am
nfessar-se
nto não lhe des
cretas, benzia-se d
o Diabo m
que duvid
stante.
iabo mal pô
duvidar; o cas
nte. O p
conclu
que duvidar;
o Diabo mal
benzia-se du
não lhe des
ariado

fonte
Crimson Pro

Do livro contínuo.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

CapítuloI¶Deumaidéiamirífica¶Contaumvelho manuscritobeneditinoqueoDiabo,emcertodia,teve aidéiadefundarumaigreja.Emboraosseuslucrosfossem contínuosegrandes,sentia-sehumilhadocomopapel avulsoqueexerciadesdeséculos,semorganização,sem regras,semcânones,semritual,semnada.Vivia,porassim dizer,dosremanescentesdivinos,dosdescuidose obséquioshumanos.Nadafixo,nadaregular.Porquenão teriaeleasuaigreja?UmaigrejadoDiaboeraomeioeficazde combaterasoutrasreligiões,edestruí-lasdeumavez.¶ —Vá,pois,umaigreja,concluiuele.Escrituracontra Escritura,breviáriocontrabreviário.Tereiaminhamissa, comvinhoepãoàfarta,asminhasprédicas,bulas,novena setodoodemaisaparelhoeclesiástico.Omeucredoseráo núcleouniversaldosespíritos,aminhaigrejaumatendade Abraão.Edepois,enquantoasoutrasreligiõesse combatemesedividem,aminhaigrejaseráúnica;não achareidiantedemim,nemMaomé,nemLutero.Há muitosmodosdeafirmar;hásóumdenegartudo.¶ Dizendoisto,oDiabosacudiuacabeçaeestendeuos braços,comumgestomagníficoevaronil.Emseguida, lembrou-sedeirtercomDeusparacomunicar-lheaidéia,e desafiá-lo;levantouosolhos,acesosdeódio,ásperosde vingança,edisseconsigo:—Vamos,étempo.Erápido, batendoasasas,comtalestrondoqueabaloutodasas províncíasdoabismo,arrancoudasombraparaoinfinito azul.¶**CapítuloII¶EntreDeuseoDiabo**¶Deusrecolhia umancião,quandooDiabochegouaocéu.Osserafinsque

engrinaldavamorecém-chegado,detiveram-selogo,eo
Diabodeixou-seestaràentradacomosolhosnoSenhor.¶
—Quemequerestu?perguntoueste.¶—Nãovenhopelo
vossoservoFausto,respondeuoDiaborindo,maspor
todososFaustosdoséculoedosséculos.¶—Explica-te.¶
—Senhor,aexplicaçãoéfácil;maspermitiquevosdiga:
recolheiprimeiroessebomvelho;dai-lheomelhor
lugar,mandaiqueasmaisafinadascítarasealaúdeso
recebamcomosmaisdivinoscoros...¶—Sabesoqueele
fez?perguntouoSenhor,comosolhoscheiosdedoçura.¶
—Não,masprovavelmenteédosúltimosquevirãoter
convosco.Nãotardamuitoqueocéufiquesemelhantea
umacasavazia,porcausadopreço,queéalto.Vouedificar
umahospedariabarata;emduaspalavras,voufundar
umaigreja.Estoucansadodaminhadesorganização,do
meureinadocasualeadventício.Étempodeobteravitória
finalecompleta.Eentãovimdizer-vosisto,com
lealdade,paraquemenãoacuseisdedissimulação...Boa
idéia,nãovosparece?¶—Viestedizê-la,não
legitimá-la,advertiuoSenhor.¶—Tendesrazão,acudiuo
Diabo;masoamor-próprioogostadeouviroaplausodos
mestres.Verdadeéquenestecasoseriaoaplausodeum
mestrevencido,eumatalexigência...Senhor,desçoàterra;
voulançaraminhapedrafundamental.¶—Vai.¶
—Quereisquevenhaanunciar-vosorematedaobra?¶
—Nãoépreciso;bastaquemedigasdesdejáporque
motivo,cansadohátantodatuadesorganização,sóagora
pensasteemfundarumaigreja.¶ODiabosorriucomcerto

ardeescárnioetriunfo.Tinhaalgumaidéiacruelno
espírito,algumreparopicantenoalforjedememória,
qualquercoisaque,nessebreveinstantedeeternidade,o
faziacrersuperioraopróprioDeus.Masrecolheuoriso,e
disse:¶—Sóagoraconcluíumaobservação,começada
desdealgunsséculos,eéqueasvirtudes,filhasdocéu,são
emgrandenúmerocomparáveisarainhas,cujomantode
veludorematasseemfranjasdealgodão.Ora,eu
proponho-meapuxá-lasporessafranja,etrazêlastodas
paraminhaigreja;atrásdelasvirãoasdesedapura...¶
—Velhoretórico!murmurouoSenhor.¶—Olhaibem.
Muitoscorposqueajoelhamaosvossospés,nostemplosdo
mundo,trazemasanquinhasdasalaedarua,osrostos
tingem-sedomesmopó,oslençoscheiramaosmesmos
cheiros,aspupilascentelhamdecuriosidadeedevoção
entreolivrosantoeobigodedopecado.Vedeoardor,—a
indiferença,aomenos,—comqueessecavalheiropõeem
letraspúblicasosbenefíciosqueliberalmenteespalha,
—ousejamroupasoubotas,oumoedas,ouquaisquer
dessasmatériasnecessáriasàvida...Masnãoqueroparecer
quemedetenhoemcoisasmiúdas;nãofalo,porexemplo,
daplacidezcomqueestejuizdeirmandade,nasprocissões,
carregapiedosamenteaopeitoovossoamoreuma
comenda...Vouanegóciosmaisaltos...¶Nistoosserafins
agitaramasasaspesadasdefastioesono.MigueleGabriel
fitaramnoSenhorumolhardesúplica.Deusinterrompeuo
Diabo.¶—Tuésvulgar,queéopiorquepodeacontecera
umespíritodatuaespécie,replicou-lheoSenhor.Tudoo

quedizesoudigasestáditoereditopelosmoralistasdo mundo.Éassuntogasto;esenãotensforça,nem originalidadepararenovarumassuntogasto,melhoré quetecaleseteretires.Olha;todasasminhaslegiões mostramnorostoossinaisvivosdotédioquelhesdás.Esse mesmoanciãopareceenjoado;esabestuoqueelefez?¶ —Jávosdissequenão.¶—Depoisdeumavidahonesta, teveumamortesublime.Colhidoemumnaufrágio,ia salvar-senumatábua;masviuumcasaldenoivos,naflor davida,quesedebatiamjácomamorte;deu-lhesatábuade salvaçãoemergulhounaeternidade.Nenhumpúblico:a águaeocéuporcima.Ondeachasaíafranjadealgodão?¶ —Senhor,eusou,comosabeis,oespíritoquenega.¶ —Negasestamorte?¶—Negotudo.Amisantropiapode tomaraspectodecaridade;deixaravidaaosoutros, paraummisantropo,érealmenteaborrecê-los...¶ —Retóricoesutil!exclamouoSenhor.Vai,vai,fundaatua igreja;chamatodasasvirtudes,recolhetodasasfranjas, convocatodososhomens...Mas,vai!vai!¶DebaldeoDiabo tentouproferiralgumacoisamais.Deusimpusera-lhe silêncio;osserafins,aumsinaldivino,encheramocéu comasharmoniasdeseuscânticos.ODiabosentiu,de repente,queseachavanoar;dobrouasasas,e,como umraio,caiunaterra.¶**CapítuloIII¶Aboanovaaos homens**¶Umaveznaterra,oDiabonãoperdeuumminuto. Deu-sepressaemenfiaracogulabeneditina,comohábitode boafama,eentrouaespalharumadoutrinanovae extraordinária,comumavozquereboavanasentranhas

doséculo.Eleprometiaaosseusdiscípulosefiéisas delíciasdaterra,todasasglórias,osdeleitesmaisíntimos. ConfessavaqueeraoDiabo;masconfessava-opara retificaranoçãoqueoshomenstinhamdeleedesmentiras históriasqueaseurespeitocontavamasvelhasbeatas.¶ —Sim,souoDiabo,repetiaele;nãooDiabodasnoites sulfúreas,doscontossoníferos,terrordascrianças,maso Diaboverdadeiroeúnico,oprópriogêniodanatureza,aque- sedeuaquelenomeparaarredá-lodocoraçãodoshomens. Vede-megentileairoso.Souovossoverdadeiropai.Vamos lá:tomaidaquelenome,inventadoparameudesdouro, fazeideleumtroféueumlábaro,eeuvosdareitudo,tudo, tudo,tudo,tudo,tudo...¶Eraassimquefalava,aprincípio, paraexcitaroentusiasmo,espertarosindiferentes, congregar,emsuma,asmultidõesaopédesi.Eelasvieram; elogoquevieram,oDiabopassouadefiniradoutrina.A doutrinaeraaquepodiasernabocadeumespíritode negação.Issoquantoàsubstância,porque,acercadaforma, eraumasvezessutil,outrascínicaedeslavada.¶Clamavaele queasvirtudesaceitasdeviamsersubstituídasporoutras, queeramasnaturaiselegítimas.Asoberba,aluxúria,a preguiçaforamreabilitadas,eassimtambémaavareza,que declarounãosermaisdoqueamãedaeconomia,coma diferençaqueamãeerarobusta,eafilhaumaesgalgada.Aira tinhaamelhordefesanaexistênciadeHomero;semofuror deAquiles,nãohaveriaa*Ilíada*:“Musa,cantaacólerade Aquiles,filhodePeleu...”Omesmodissedagula,que produziuasmelhorespáginasdeRabelais,emuitosbons

versosde*Hissope*;virtudetãosuperior,queninguémse lembradasbatalhasdeLuculo,masdassuasceias;foiagula querealmenteofezimortal.Mas,aindapondodeladoessas razõesdeordemliteráriaouhistórica,parasómostraro valorintrínsecodaquelavirtude,quemnegariaqueera muitomelhorsentirnabocaenoventreosbonsmanjares, emgrandecópia,doqueosmausbocados,ouasalivado jejum?PelasuaparteoDiabopromet iasubstituiravinhado Senhor,expressãometafórica,pelavinhadoDiabo,locução diretaeverdadeira,poisnãofaltarianuncaaosseuscomo frutodasmaisbelascepasdomundo.Quantoàinveja, pregoufriamentequeeraavirtudeprincipal,origemde propriedadesinfinitas;virtudepreciosa,quechegavaa suprirtodasasoutras,eaopróprio talento.¶Asturbas corriamatrásdeleentusiasmadas.ODiaboincutia-lhes,a grandesgolpesdeeloqüência,todaanovaordemdecoisas, trocandoanoçãodelas,fazendoamarasperversase detestarassãs.¶Nadamaiscurioso,porexemplo,doquea definiçãoqueeledavadafraude.Chamava-lheobraço esquerdodohomem;obraçodireitoeraaforça;econcluía: Muitoshomenssãocanhotos,eistudo.Ora,elenãoexigia quetodosfossemcanhotos;nãoeraexclusivista.Queuns fossemcanhotos,outrosdestros;aceitavaatodos,menos osquenãofossemnada.Ademonstração,porém,mais rigorosaeprofunda,foiadavenalidade.Umcasuístado tempochegouaconfessarqueeraummonumentodelógica. Avenalidade,disseoDiabo,eraoexercíciodeumdireito superioratodososdireitos.Setupodesvenderatuacasa,o

teuboi,oteusapato,oteuchapéu,coisasquesãotuaspor
umarazãojurídicaelegal,masque,emtodocaso,estãofora
deti,comoéquenãopodesvenderatuaopinião,oteuvoto,a
tuapalavra,atuafé,coisasquesãomaisdoquetuas,porque
sãoatuapróprіaconsciência,istoé,tumesmo?Negá-loécair
noabsurdoenocontraditório.Poisnãohámulheresque
vendemoscabelos?nãopodeumhomemvenderumaparte
doseusangueparatransfundi-loaoutrohomemanêmico?e
osangueeoscabelos,partesfísicas,terãoumprivilégioque
senegaaocaráter,àporçãomoraldohomem?Demonstrado
assimoprincípio,oDiabonãosedemorouemexporas
vantagensdeordemtemporaloupecuniária;depois,
mostrouaindaque,àvistadopreconceitosocial,conviria
dissimularoexercíciodeumdireitotãolegítimo,oqueera
exerceraomesmotempoavenalidadeeahipocrisia,istoé,
merecerduplicadamente.¶Edescia,esubia,examinava
tudo,retificavatudo.Estáclaroquecombateuoperdãodas
injúriaseoutrasmáximasdebranduraecordialidade.Não
proibiuformalmenteacalúniagratuita,masinduziua
exercê-lamedianteretribuição,oupecuniária,oudeoutra
espécie;noscasos,porém,emqueelafosseumaexpansão
imperiosadaforçaimaginativa,enadamais,proibiareceber
nenhumsalário,poisequivaliaafazerpagaratranspiração.
Todasasformasderespeitoforamcondenadasporele,como
elementospossíveisdeumcertodecorosocialepessoal;
salva,todavia,aúnicaexceçãodointeresse.Masessamesma
exceçãofoilogoeliminada,pelaconsideraçãodequeo
interesse,convertendoorespeitoemsimplesadulação,era

esteosentimentoaplicadoenãoaquele.¶Pararematara obra,entendeuoDiaboquelhecumpriacortarportodaa solidariedadehumana.Comefeito,oamordopróximoera umobstáculograveànovainstituição.Elemostrouqueessa regraeraumasimplesinvençãodeparasitasenegociantes insolváveis;nãosedeviadaraopróximosenãoindiferença; emalgunscasos,ódiooudesprezo.Chegoumesmoà demonstraçãodequeanoçãodepróximoeraerrada,ecitava estafrasedeumpadredeNápoles,aquelefinoeletrado Galiani,queescreviaaumadasmarquesasdoantigoregime: “Leveabrecaopróximo!Nãohápróximo!”Aúnicahipótese emqueelepermitiaamaraopróximoeraquandosetratasse deamarasdamasalheias,porqueessaespéciedeamortinha aparticularidadedenãoseroutracoisamaisdoqueoamor doindivíduoasimesmo.Ecomoalgunsdiscípulos achassemqueumatalexplicação,pormetafísica,escapava àcompreensãodasturbas,oDiaborecorreuaumapólogo: —Cempessoastomamaçõesdeumbanco,paraas operaçõescomuns;mascadaacionistanãocuidarealmente senãonosseusdividendos:éoqueaconteceaosadúlteros. Esteapólogofoiincluídonolivrodasabedoria.¶ **CapítuloIV¶Franjasefranjas**¶AprevisãodoDiabo verificou-se.Todasasvirtudescujacapadeveludoacabava emfranjadealgodão,umavezpuxadaspelafranja, deitavamacapaàsurtigasevinhamalistar-senaigrejanova. Atrásforamchegandoasoutras,eotempoabençooua instituição.Aigrejafundara-se;adoutrinapropagava-se; nãohaviaumaregiãodoglobоquenãoaconhecesse,uma

línguaquenãoatraduzisse,umaraçaquenãoaamasse.O Diaboalçoubradosdetriunfo.¶Umdia,porém,longosanos depoisnotouoDiaboquemuitosdosseusfiéis,às escondidas,praticavamasantigasvirtudes.Nãoas praticavamtodas,nemintegralmente,masalgumas,por partes,e,comodigo,àsocultas.Certosglutõesrecolhiam-se acomerfrugalmentetrêsouquatrovezesporano, justamenteemdiasdepreceitocatólico;muitosavaros davamesmolas,ànoite,ounasruasmalpovoadas;vários dilapidadoresdoerárioresituíam-lhepequenasquantias; osfraudulentosfalavam,umaououtravez,comocoração nasmãos,mascomomesmorostodissimulado,parafazer crerqueestavamembaçandoosoutros.¶Adescoberta assombrouoDiabo.Meteu-seaconhecermaisdiretamente omal,eviuquelavravamuito.Algunscasoseramaté incompreensíveis,comoodeumdroguistadoLevante,que envenenaralongamenteumageraçãointeira,e,como produtodasdrogas,socorriaosfilhosdasvítimas.NoCairo achouumperfeitoladrãodecamelos,quetapavaacarapara iràsmesquitas.ODiabodeucomeleàentradadeuma, lançou-lheemrostooprocedimento;elenegou,dizendo queiaaliroubarocamelodeumdrogomano;roubou-o,com efeito,àvistadoDiaboefoidá-lodepresenteaummuezim, querezouporeleAlá.Omanuscritobeneditinocitamuitas outrasdescobertasextraordinárias,entreelasesta,que desorientoucompletamenteoDiabo.Umdosseus melhoresapóstoloseraumcalabrês,varãodecinqüenta anos,insignefalsificadordedocumentos,quepossuíauma

belacasanacampanharomana,telas,estátuas,biblioteca,
etc.Eraafraudeempessoa;chegavaametersenacamapara
nãoconfessarqueestavasão.Poisessehomem,nãosónão
furtavaaojogo,comoaindadavagratificaçõesaoscriados.
Tendoangariadoaamizadedeumcônego,iatodasas
semanasconfessar-secomele,numacapelasolitária;e,
conquantonãolhedesvendassenenhumadassuasações
secretas,benzia-seduasvezes,aoajoelhar-se,eao
levantar-se.ODiabomalpôdecrertamanhaaleivosia.Mas
nãohaviaqueduvidar;ocasoeraverdadeiro.¶Nãosedeteve
uminstante.Opasmonãolhedeutempoderefletir,
compararecondluirdoespetáculopresentealgumacoisa
análogaaopassado.Vooudenovoaocéu,trêmuloderaiva,
ansiosodeconheceracausasecretadetãosingular
fenômeno.Deusouviu-ocominfinitacomplacência;nãoo
interrompeu,nãoorepreendeu,nãotriunfou,sequer,
daquelaagoniasatânica.Pôsosolhosnele,edisse-lhe:¶
—Quequerestu,meupobreDiabo?Ascapasdealgodãotêm
agorafranjasdeseda,comoasdeveludotiveramfranjasde
algodão.Quequerestu?Éaeternacontradiçãohumana.

fonte¶CrimsonPro

Do livro cujas linhas de texto transcendem suas páginas.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I¶ De uma idéia mirífica¶ Conta um velho minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédi- Vamos, é tempo. E rápido, batendo as asas, com tal mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam legitimá-la, advertiu o Senhor.¶ — Tendes razão, acudiu eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas lham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o interrompeu o Diabo.¶ — Tu és vulgar, que é o pior que morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, beatas.¶ — Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das era a que podia ser na boca de um espírito de negação. res páginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hissope*; mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os combateu o perdão das injúrias e outras máximas de adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.¶ que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas te três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a fraude em pessoa; chegava a meterse na cama para não novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a

manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a cas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiásti- estrondo que abalou todas as províncias do abismo, com os mais divinos coros...¶ — Sabes o que ele fez? o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso recolheu o riso, e disse:¶ — Só agora concluí uma obser- bigode do pecado. Vede o ardor, — a indiferença, ao pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe eternidade. Nenhum público: a água e o céu por cima. que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crian- Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era virtude tão superior, que ninguém se lembra das bata- virtude principal, origem de propriedades infinitas; menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar- preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada confessar que estava são. Pois esse homem, não só não causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o

idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem co. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a arrancou da sombra para o infinito azul.¶ **Capítulo II**¶ perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.¶ — dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de vação, começada desde alguns séculos, e é que as virtumenos, — com que esse cavalheiro põe em letras públio Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito Onde achas aí a franja de algodão?¶ — Senhor, eu sou, na terra.¶ **Capítulo III**¶ **A boa nova aos homens**¶ Uma ças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.¶ Clamava ele lhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuíssangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retricortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do -se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos com infinita complacência; não o interrompeu, não o

contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto **Entre Deus e o Diabo**¶ Deus recolhia um ancião, Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à des, filhas do céu, são em grande número comparáveis a cas os benefícios que liberalmente espalha, — ou sejam pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não como sabeis, o espírito que nega.¶ — Negas esta morte?¶ vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas ao próprio talento.¶ As turbas corriam atrás dele entu-ta do tempo chegou a confessar que era um monumento sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio buição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, amor do próximo era um obstáculo grave à nova institui-que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogomano; criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satâni-

avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem as outras religiões se combatem e se dividem, a minha quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinal- convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a terra; vou lançar a minha pedra fundamental.¶ — Vai.¶ rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas maté- tens força, nem originalidade para renovar um assunto — Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o siasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de que se nega ao caráter, à porção moral do homem? porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da ção. Ele mostrou que essa regra era uma simples inven- discípulos achassem que uma tal explicação, por metafí- doutrina propagava-se; não havia uma região do globo falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de todas as semanas confessar-se com ele, numa capela ca. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:¶ — Que queres tu, meu

regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por igreja será única; não acharei diante de mim, nem davam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edifi- — Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?¶ algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa rias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extra- vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era eloqüência, toda a nova ordem de coisas, trocando a um direito superior a todos os direitos. Se tu podes Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum ção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia sica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recor- que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de

assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.¶ — car uma hospedaria barata; em duas palavras, vou — Não é preciso; basta que me digas desde já por que franja, e trazêlas todas para minha igreja; atrás delas detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio realmente aborrecê-los...¶ — Retórico e sutil! exclamou ordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manja- noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniá- salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio reu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de estavam embaçando os outros.¶ A descoberta assom- manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que

obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que um de negar tudo.¶ Dizendo isto, o Diabo sacudiu a Que me queres tu? perguntou este.¶ — Não venho pelo fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganimotivo, cansado há tanto da tua desorganização, só virão as de seda pura...¶ — Velho retórico! murmurou o placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a res, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a sãs.¶ Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas ria; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito as formas de respeito foram condenadas por ele, como ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a banco, para as operações comuns; mas cada acionista triunfo.¶ Um dia, porém, longos anos depois notou o brou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o extraordinárias, entre elas esta, que desorientou compleajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer queres tu? É a eterna contradição humana.

Fonte¶ Crimson Pro

não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por zação, do meu reinado casual e adventício. É tempo de agora pensaste em fundar uma igreja.¶ O Diabo sorriu Senhor.¶ — Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma tu o que ele fez?¶ — Já vos disse que não.¶ — Depois de virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. tudo...¶ Era assim que falava, a princípio, para excitar o filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substique ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes social, conviria dissimular o exercício de um direito tão elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; noção de próximo era errada, e citava esta frase de um não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticamal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até tamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso

eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para todos os Faustos do século e dos séculos.¶ — Explica-te.¶ obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas comenda... Vou a negócios mais altos...¶ Nisto os serafins uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em homens... Mas, vai! vai!¶ Debalde o Diabo tentou proferir Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não havetuir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro vam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, um calabrês, varão de cinqüenta anos, insigne falsificaera verdadeiro.¶ Não se deteve um instante. O pasmo não

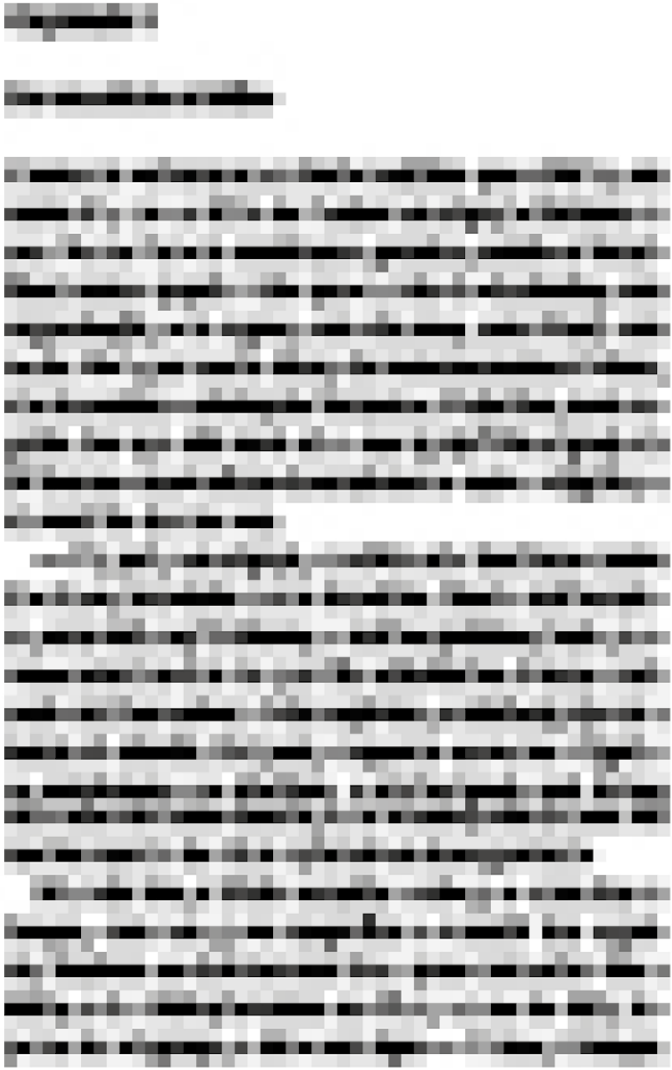
uma vez.¶ — Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, — Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimu- cruel no espírito, algum reparo picante no alforje de da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que ria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.¶ E descia, mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a da sabedoria.¶ **Capítulo IV**¶ **Franjas e franjas**¶ A previ- integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às que envenenara longamente uma geração inteira, e, com dor de documentos, que possuía uma bela casa na lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetá-

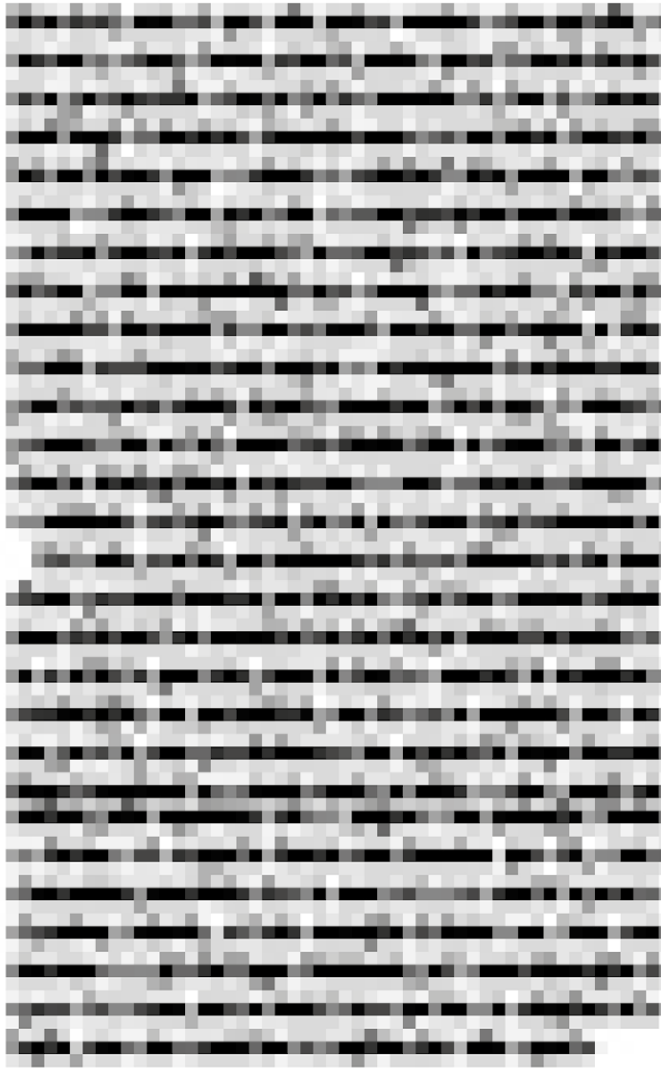
contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: — recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, lação... Boa idéia, não vos parece?¶ — Vieste dizê-la, não memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas cente- Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as as histórias que a seu respeito contavam as velhas vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina Peleu...” O mesmo disse da gula, que produziu as melho- nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que que o interesse, convertendo o respeito em simples breca o próximo! Não há próximo!” A única hipótese em são do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmen- o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a culo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de

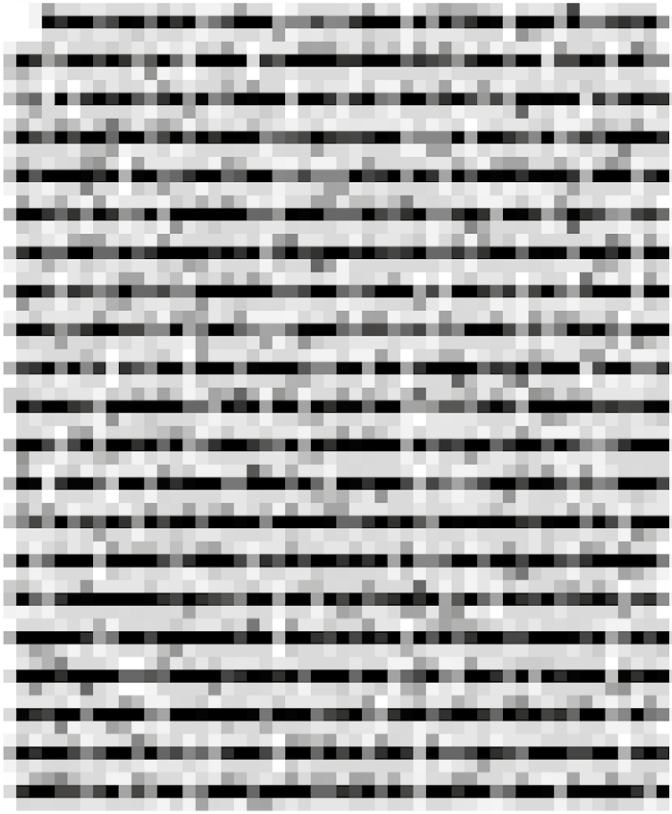
Do livro em baixa resolução.

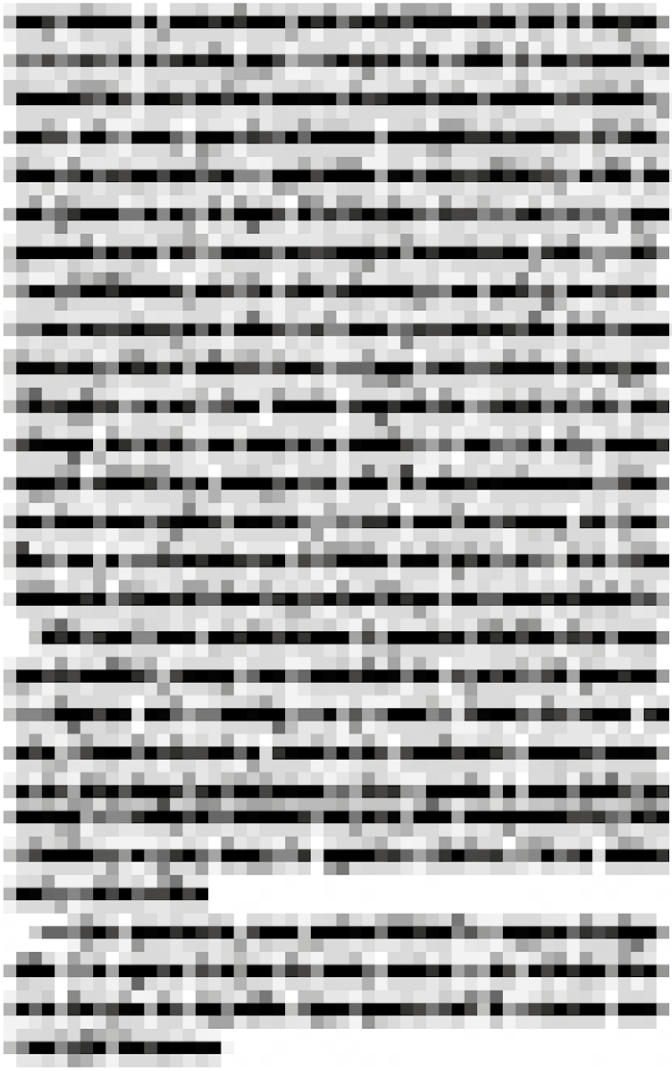
A Igreja do Diabo

Machado de Assis









Do livro em zigue-zague.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra-sa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não achará diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desatá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, às-peros de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as proximidades do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que enfrinalhavam o recém-chegado, detive-ram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e aventício. É tempo de obter a

vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa idéia, não vos parece?

— Vieste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja.

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde algum século, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo remastasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala

e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços chei-
ram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curio-
sidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado.
Vede o ardor, — a indiferença, ao menos, — com que esse
cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberal-
mente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas,
ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não
quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo,
por exemplo, da placidez com que este juiz de irmanda-
de, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso
amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e
sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de sú-
plica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um
espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que
dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mun-
do. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalida-
de para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales
e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no
rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo
anjão parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte su-
blime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tá-
bua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se
debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação
e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a uma sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula benedictina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para atredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu..." O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de Hissope; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Lúculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de

ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor inmelhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em jum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos to à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que mem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos hofossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa chegou a confessar que era um monumento de lógica. A perior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão

fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, convinha dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras maxi- mas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma-

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de pre-
sente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito
beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias,
entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo.
Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de
cinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que
possuía uma bela casa na campanha romana, telas, está-
tuas, bibliotecas, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a me-
terse na cama para não confessar que estava são. Pois esse
homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gra-
tificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um
cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa
capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhu-
ma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoe-
lhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha
aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tem-
po de refletir, comparar e concluir do espetáculo presen-
te alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao
céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secre-
ta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita
complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não
triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos
nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algo-
dão têm agora franjas de seda, como as de veludo tive-
ram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna con-
tradição humana.

fonte
Crimson Pro